

BEATRIZ QUINTINO

# MENINAS DA ÁGUIA

A HISTÓRIA DE COMO O SÃO JOSÉ LEVOU O FUTEBOL FEMININO BRASILEIRO AO  
TOPO DO MUNDO



Nestlé CUP INTERNATIONAL WOMEN'S CLUB CHAMPIONSHIP 2014



# CHAMPIONS



**Beatriz Quintino**

**MENINAS DA ÁGUA:**  
a história de como o São José levou o futebol feminino  
brasileiro ao topo do mundo

O48m

Oliveira, Beatriz Quintino de

Meninas da Águia : a história de como o São José levou o futebol feminino brasileiro ao topo do mundo / Beatriz Quintino de Oliveira. -- Bauru, 2025

125 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru

Orientadora: Angela Maria Grossi

1. Jornalismo. 2. Jornalismo esportivo. 3. Mulheres e jornalismo. 4. Futebol feminino. I. Título.

Você pode tudo que desejar.  
O mundo é seu!  
*(Formiga)*



# Sumário

Introdução	9
Linha do tempo	13
1. Uma revisão histórica do futebol feminino no Brasil	15
2. A luta global	33
3. O despertar do São José Futebol Feminino	40
4. Passaporte para o Japão	54
5. Campeonato Internacional de Clubes Feminino	60
6. O voo da Águia	74
7. (In)Visibilidade	93
8. O legado das Meninas	104
Epílogo	113
Referências	120
Sobre a autora	125



# Introdução

Ao perguntar qual o último time brasileiro que conquistou um título internacional no Japão, a sua resposta, muito provavelmente, será o Corinthians, em 2012, com o título do Mundial de Clubes da Federação Internacional de Futebol (FIFA). Mas e se eu te disser que em 2014, um outro brasileiro marcou seu nome na história em Tóquio?

Depois das décadas de proibição e luta, mas antes mesmo do futebol feminino ser uma “obrigação” para os clubes do Brasil, um time de camisa azul escuro, gerido por uma prefeitura, dominou o cenário nacional e internacional. As *Meninas da Águia*, de São José dos Campos, viajaram mais de 18 mil quilômetros e venceram o Arsenal, da Inglaterra, no Japão, no dia 6 de dezembro de 2014 e conquistaram um título inédito.

Com um elenco recheado de atletas consagradas, o projeto municipal foi campeão do **Campeonato Internacional de Clubes Feminino**, considerado por muitos como uma espécie de Mundial de Clubes da modalidade, mesmo sem a chancela da FIFA. Isso aconteceu em um período incipiente de disputas intercontinentais do futebol feminino, quando o foco e os esforços ainda se concentravam nas seleções.

Se você começou a acompanhar o *futfem* de 2019

para cá, assim como eu, nunca assistiu ao São José levantar uma taça. Ainda assim, já deve ter se deparado com o nome do time que, entre 2010 e 2014, foi tricampeão da Libertadores, bicampeão da Copa do Brasil e do Campeonato Paulista. As Meninas da Águia deixaram sua marca na história do futebol feminino brasileiro, carregando o escudo de um clube que não é no futebol – o masculino – "grande" para o cenário nacional.

Em 2025, pouco mais de dez anos depois da glória máxima, essa mesma equipe foi rebaixada para a Série A3 do Campeonato Brasileiro Feminino – a terceira divisão nacional – e, pela primeira vez em 20 anos, não disputa o Paulistão.

Interessada pelas histórias inesperadas e descentralizadas que o esporte produz, em especial com as mulheres, desafiei a me aprofundar neste capítulo da história do futebol feminino. Com a vontade de que seja dado um maior reconhecimento dentro da memória coletiva da modalidade. E, para entender o que aconteceu naquele período que levou o time ao Japão, fui “bater na porta” de quem viveu tudo isso.

O livro que você está prestes a ler é o resultado de uma revisão bibliográfica, conversas com jogadoras, treinadores, gestores e jornalista, e da busca por registros de uma conquista que foi o auge do São José Futebol Feminino. É uma análise sobre o que um período de glória, e depois sua queda, nos dizem sobre a trajetória do futebol feminino de clubes no Brasil.

Esta obra primeiro se debruça sobre o contexto histórico do futebol feminino, trazendo a luta incessante no Brasil e no mundo. Em seguida, chega à construção da trajetória da Águia e seus voos mais altos, tentando contextualizar e desvendar o que deu certo, e o que deu errado.

O texto conta com relatos e falas obtidas em entrevistas, e as citações são, em sua maioria, diretas, para transmitir o carinho e o orgulho que os entrevistados têm por terem ajudado a construir essa história – não só do São José até o Japão, mas também de contribuição com futebol feminino nacional. Algumas aspas das fontes utilizadas, inclusive, por serem mais longas, estão destacadas e sinalizadas visualmente com um recurso gráfico lateral.

A divisão da obra em oito capítulos e um Epílogo foi pensada para guiar o leitor em uma jornada cronológica e temática. O Capítulo 1 faz um rápido resumo com bibliografia da história do futebol de mulheres no Brasil, contextualizando o tema desde os primeiros relatos de jogos no país ainda no século XX, o desenvolvimento inicial, passando pelo momento da proibição, em 1941, até a regulamentação da modalidade, em 1983, e contando os primeiros desenvolvimentos na entrada do século XXI.

Em seguida, o Capítulo 2 aborda o progresso das mulheres no futebol a nível internacional, tratando da luta em outros países e do surgimento das primeiras competições de seleções, com o objetivo de contextualizar o cenário global e a inserção do Brasil nele.

Já o Capítulo 3 dá início à história do São José Futebol Feminino, seus primeiros passos e todo o desenvolvimento que culminou no sucesso máximo entre 2010 a 2014. O Capítulo 4 detalha como, com as conquistas nacionais e na América do Sul, a Águia se postulou a disputa intercontinental do Campeonato Internacional de Clubes Feminino.

Antes de detalhar a vitória no Japão, o Capítulo 5 aborda o momento de encontros intercontinentais entre clubes e a consolidação do Campeonato Internacional, como uma espécie de Mundial de Clubes organizado pela

Federação Japonesa.

O Capítulo 6 narra em detalhes o que aconteceu em dezembro de 2014, em Tóquio, e, na sequência, o Capítulo 7 aborda toda a repercussão que o título trouxe, seja na mídia, para a cidade e o debate que o engloba. Por fim, o Capítulo 8 analisa o impacto e o legado que esse período do São José deixou no cenário nacional, junto às transformações da última década e o atual momento que o time joesense vive. A obra se encerra com um Epílogo, que traz uma breve reflexão sobre o resultado geral deste trabalho e as perspectivas para o futuro.

Agradeço, de coração, a todos que hoje – atuando dentro ou fora do esporte – tiraram um tempo para colaborar, cederam seus depoimentos e se esforçaram para resgatar as memórias de quase 11 anos atrás.

Espero que esse trabalho dialogue com todos: seja com quem já está inserido no “mundinho” do futebol feminino, quem viveu essa época e quer resgatar memórias, quem tem interesse em histórias do esporte ou quem está começando a acompanhar a modalidade, justamente num momento de crescimento e expansão.

Que, de alguma maneira, esse trabalho ajude a valorizar o passado para entendermos onde e como estamos com o presente do futebol feminino brasileiro.

Beatriz Quintino

# Linha do tempo

Principais eventos e marcos do futebol feminino, citados na obra, organizados para fácil visualização.

- 
- A vertical timeline with a central black line and yellow circular markers. The years are listed in large blue font, and the corresponding events are listed in black text to the left or right of the line.
- 1915** Primeiros registros da prática do futebol por mulheres no Brasil
  - 1940** Jogo entre mulheres no Pacaembu
  - 1941** Proibição oficial da prática de futebol por mulheres no Brasil pelo Decreto-Lei 3.199, art. 54
  - 1971** Primeira Copa do Mundo Feminina Não Oficial
  - 1979** Queda da proibição no Brasil
  - 1983** Regulamentação do futebol feminino no Brasil e surgimento de clubes como o Radar ao longo da década
  - 1988** FIFA organiza Torneio Experimental na China
  - 1991** Primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino da FIFA
  - 1999** Seleção Brasileira conquista o Bronze na Copa do Mundo e tem destaque internacional
  - 2001** Estrutura nacional ainda fraca, mas Prefeitura de São José dos Campos inicia criação de time feminino
  - 2003** Márcio Oliveira chega e estrutura São José, que disputa o reativado Campeonato Paulista no ano seguinte
  - 2008** Formalização da parceria com o São José E.C para disputas da Federação Paulista
  - 2009** Criação da Conmebol Libertadores Feminina
  - 2010** São José acerta patrocínio da ETEP Faculdades. Foco em gestão, investimento e contratação de jogadoras de alto nível
  - 2011** Estreia do São José na Copa do Brasil e conquista da Libertadores em casa
  - 2012** São José conquista o Paulista e a Copa do Brasil
  - 2013** São José conquista o bicampeonato da Libertadores e a vaga para o Campeonato Internacional de Clubes Feminino
  - 2014** Temporada Histórica: São José conquista Libertadores, Paulista e o Campeonato Internacional de Clubes Feminino, no Japão



# 1. Uma revisão histórica do futebol feminino no Brasil

O futebol chegou ao Brasil em 1894, trazido da Inglaterra por Charles Miller. Inicialmente praticado pelas elites, o esporte que hoje é paixão nacional percorreu um longo caminho até se popularizar e abraçar toda a diversidade que ele engloba. Entre as mulheres, a história do futebol foi – e é – ainda mais complexa. Essa cronologia foi marcada por desafios próprios como preconceito, invisibilidade, falta de estrutura e reconhecimento.

Embora as origens exatas da prática do futebol por mulheres no Brasil sejam incertas, os primeiros registros datam de 1915, referentes a indícios de uma partida entre meninas do Vila Isabel F.C no campo do Zoológico, no Rio de Janeiro. Naquele período, como detalha a historiadora Aira Bonfim (2019), as experiências das mulheres brasileiras com o futebol ocorriam como exibições em meio às festas esportivas, muitas vezes como atração diversional ou curiosidade para o público. Bonfim (2019) também descreve esse início como marcado por um contexto de narrativas fragmentadas e subalternizadas, onde a prática não era vista com seriedade.

Inicialmente como espectadoras e torcedoras nas arquibancadas, as mulheres migraram para os campos em meio aos ambientes de festas esportivas. Ao longo da década de 1920, essa participação cresceu e, acompanhando o próprio desenvolvimento urbano, as iniciativas de times organizados se espalharam por outras regiões.

Na década de 1930, a atividade encontrou dois locais distintos para florescer. O futebol de mulheres passou a ser “performado” em picadeiros. Eram apresentações de circo-teatro que exploravam a prática como um espetáculo ou brincadeira. Ao passo que, paralelamente, a prática se intensificou longe dos olhares da elite, nos subúrbios do Rio de Janeiro. Essa presença suburbana foi uma ferramenta importante de popularização entre as décadas de 1930 e 1940, com grupos de mulheres cada vez mais organizados excursionando ao redor do país.

Assim, a representação feminina no futebol foi aumentando gradualmente – ainda que de forma discreta, considerando os poucos registros históricos. Esse crescimento, porém, caminhou de mãos dadas com a intensificação da resistência e do preconceito por parte da imprensa e, conseqüentemente, da população.

À medida que as mulheres chamavam a atenção e buscavam seu espaço nos gramados, os setores conservadores da sociedade, apoiados pelos formadores de opinião, passaram a desmoralizar a atuação feminina no esporte. Mourão e Morel (2005, p. 84) explicam que “a narrativa de jornais e revistas é um dos fatores construtores da identidade feminina e do futebol nacional”. Dessa forma, a disputa saiu dos campos e das exibições improvisadas para as páginas dos jornais e revistas.

As décadas iniciais de desenvolvimento do futebol de mulheres no Brasil alcançaram seu auge com a primeira aparição oficial em um grande palco. No dia 17 de maio de 1940, o então recém-inaugurado estádio “Paulo Machado de Carvalho”, o Pacaembu – ou hoje “Mercado Livre Arena” Pacaembu – sediou em São Paulo uma partida entre duas equipes femininas suburbanas do Rio de Janeiro: o Casino do Realengo e o S.C. Brasileiro. O evento com as

jogadoras cariocas, foi parte de um pré-jogo realizado em celebração à inauguração das torres de iluminação do estádio. O “prato principal” do dia era um amistoso entre São Paulo F.C e C.R Flamengo, contudo, foram as mulheres quem roubaram a cena.

## S. Paulo assiste, pela primeira vez, a uma partida de futebol feminino

O INTERESSE QUE ESSA NOVIDADE DESPERTOU — UM FUTEBOL DE TÉCNICA APRECIÁVEL  
— JOGADORAS DE BONS RECURSOS — CONSEGUIRA FIRMAR-SE EM NOSSO PAIZ  
O FUTEBOL FEMININO? — OUTRAS NOTAS



Jogo entre times do Rio de Janeiro repercutiu em jornais.

Créditos: Correio Paulistano

A projeção inédita, no entanto, acabou por se tornar emblemática. A visibilidade que o evento no Pacaembu ganhou alavancou uma repercussão negativa por parte da imprensa. Dessa forma, a grande atenção dada à partida contribuiu para estimular a desqualificação do futebol feminino. Dez dias antes do jogo, em 7 de maio, o jornal *Diário da Noite*, de São Paulo, publicou uma carta aberta ao então presidente do Brasil, Getúlio Vargas, escrita por José Fuzueira, autor de livros sobre normas de conduta social e moral.

Uma foto de jovens mulheres vestidas com uniformes esportivos estampava o jornal com a frase “Um disparate esportivo que não deve prosseguir”. De acordo com a

publicação, a carta enviada a Vargas era uma tentativa de “mostrar os perigos que o football feminino pode acarretar ao organismo feminino”, e Fuzueira escreveu:

Vem, pois, o signatário, respeitosamente, solicitar a clarividente atenção de V. Ex. para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil. Refiro-me, Snr. presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar este esporte violento sem afetar, seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que dispôs a ser mãe. É notória a violência com que, nesse jogo, as bolas atingem, as vezes, o corpo dos jogadores. [...] Ao que dizem os jornais, no Rio de Janeiro, já estão formados nada menos de dez quadros femininos. Em São Paulo e Belo Horizonte também já estão se constituindo outros. E, neste crescendo, dentro de um ano, é provável que em todo o Brasil estejam organizados uns 200 clubes femininos de futebol: ou seja: 200 núcleos destroçados da saúde de 2,2 mil futuras mães, que, além do mais, ficarão presas a uma mentalidade depressiva e propensa aos exibicionismos rudes e extravagantes (Diário da Noite, 1940).

O tom se repetiu em outros jornais. “O futebol é um esporte violento capaz de alterar o equilíbrio endócrino da mulher”, escreveu Leite de Castro, no jornal curitibano *O Dia Esportivo*, em junho de 1940 (Barros, 2023). Apesar de existirem alguns apoiadores na imprensa, o contexto histórico de 1940 privilegiava o discurso misógino.

Assim, pouco mais de um ano depois do chute inicial no Pacaembu, surgiu uma das marcas mais profundas da história do futebol de mulheres no Brasil

## A proibição

Entre 1937 e 1945, com Vargas no poder, o Brasil atravessou o período do Estado Novo. Embora o voto feminino fosse uma conquista recente, de 1932, os discursos dominantes vigentes sobre feminilidade ainda defendiam o ideal da mulher restrita ao “lar”, afetando as relações sociais e os costumes da época. Aquele foi um período de debates acalorados sobre o papel feminino. Como explica Ostos (2012, p. 317), o tema despertava comentários, que iam “da galhofa mais irreverente até a mais séria argumentação científica, transitando entre as justificativas religiosas, a lógica jurídica e as motivações econômicas.” Segundo a autora, o temor de fundo dessas camadas era que a “crescente participação feminina no mundo público acabasse por estimular outras liberdades, principalmente no campo sexual”.

Essa visão se apoiava em supostos argumentos biológicos e sociais que visavam proteger a função primordial da mulher da maternidade. O argumento, como registrado por Ostos, era que havia uma necessidade de restringir o trabalho feminino fora de casa para preservar a “raça”, que seria “seriamente comprometida” por um “trabalho excessivo” (Ramos, 1937, *apud* Ostos, 2012, p. 323). Nesse contexto, a prática de um esporte de contato e esforço físico, como o futebol, era visto como uma contradição de muito do que se esperava da mulher por parte da sociedade. Essa concepção, alinhada aos debates trazidos com a partida de maio de 1940, foi materializada em lei através do **Decreto-Lei nº 3.199**, de 14 de abril de 1941.

O artigo 54, outorgado por Getúlio Vargas, determinava: “As mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo,

para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país.” A partir de então, encontros esportivos entre mulheres foram cancelados, e até mesmo, encerrados à força pela polícia por ordem do Conselho Nacional de Desportos (CND).



Matéria do jornal carioca "A Batalha", 23 de Junho de 1940.

Créditos: Museu do Futebol

Apesar da repressão legal – que, embora não explicitasse nominalmente o futebol, era direcionada a ele e a outros esportes de contato – a prática não desapareceu. Seguiu viva, e resistiu na clandestinidade. Mourão e Morel (2005) explicam que essa resistência foi especialmente difícil no futebol, já visto como algo masculino na identidade nacional:

A construção cultural brasileira concebe o esporte, e especialmente o futebol, como um espaço de práticas sociais masculinas através da sua história. E o futebol como uma prática esportiva identitária da construção deste masculino terminou por concentrar uma resistência, ainda maior do que os outros esportes, à prática feminina. (Mourão; Morel, 2005, p. 79).

A proibição oficial perdurou por quase quatro décadas. Inclusive, sendo reafirmada na Ditadura Militar, ao passo que, em 1965, o CND publicou uma nova deliberação detalhando os esportes vetados às mulheres. Quando essa barreira legal “caiu”, surgiu um desafio quase tão grande ao de resistir à própria lei. Foi preciso buscar organização e ganhar espaço, lutando incessantemente contra o preconceito e a falta de apoio e visibilidade.

## Reestruturação

A revogação da proibição aconteceu em 1979. Ou seja, no papel, o impedimento deixou de existir 38 anos depois. No entanto, mesmo com a queda do artigo 54, seguia permitida somente a prática feminina de esportes que fossem reconhecidos internacionalmente, o que ainda não era o caso do futebol feminino (Barros, 2023). As mulheres continuavam impedidas, por exemplo, de protagonizar partidas nos estádios brasileiros. Mesmo assim, ao longo da década de 1980, iniciativas para o desenvolvimento foram ganhando forma.

Campeonatos amistosos e exibições aconteceram, ainda que sem qualquer apoio formal por parte de instituições. A regulamentação só chegaria, enfim, em 1983, autorizando federações e associações esportivas a organizarem, legalmente, eventos e campeonatos por todo o país.

Romeu Castro, hoje gestor executivo de futebol, viveu esses primeiros anos de reestruturação da modalidade. Em entrevista<sup>1</sup>, o profissional que deu seus primeiros passos no futebol de mulheres no ano da regulamentação, em 1983, relembrou as memórias daquele período. Com

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada 10/09/2025

somente 15 anos, Romeu esteve envolvido diretamente na organização do time feminino do Guarani, de Campinas. “Muitas senhoras, até avós, já jogavam naquela época”, conta ele, explicando que a equipe de campo do clube surgiu de uma base do futsal de associadas.

No mesmo ano de 1983, foi organizada a primeira Taça do Brasil, no Rio de Janeiro. O clube campineiro chegou a se inscrever para a disputa, no entanto, pouco antes da competição, a entidade que administrava os estádios estaduais vetou o torneio por entender que o futebol feminino ainda era proibido, apesar da regulamentação.

Entra, então, o personagem de Eurico Lira, presidente do Esporte Clube Radar. Ele resolveu realizar a competição nas areias do Rio de Janeiro. As jogadoras do Guarani teriam dificuldade de jogar na praia, então, o time teve de desistir da disputa.

---

“A primeira Taça Brasil, na verdade, foi jogada nas areias de Búzios e de Copacabana, por conta dessa proibição.”

(Romeu Castro)

---

Romeu Castro também detalha os desafios que existiram diante daquele período de transição. Segundo o executivo, a queda da proibição não ajudou em uma estruturação imediata da modalidade, pois os envolvidos se depararam com uma série de empecilhos que, na verdade, dificultaram o desenvolvimento do futebol de mulheres no país:

Para nós que vivemos na época, essa proibição realmente perdurou até meados de março de [19] 83, quando o CND, presidido pelo Manuel Tubino, finalmente regulamen-

tou o futebol feminino através de uma resolução, de uma portaria. Garantia a prática, mas ainda assim, mesmo permitindo, foram colocadas algumas condições especiais que retardavam esse desenvolvimento. O tempo de jogo era menor, 35 [minutos] e 35, eram 70 minutos e não 90. A bola não era a que é utilizada hoje, era uma bola mais leve. E era difícil conseguir essa bola, a única empresa que produziu foi a Adidas e ainda assim vinha importado, era caríssima. Então, para efeitos práticos, todo mundo ou tinha que jogar com uma bola que era infantil, que era uma bexiga, terrível, ou ia para a bola masculina. E foi o que as equipes acabaram fazendo.

Romeu ainda relembra que, quando ocorreu a regulamentação, havia uma demanda reprimida tão grande que, segundo ele, a primeira competição realizada em São Paulo teve mais de 100 equipes participantes. Ou seja, havia uma “sede” da periferia pelo futebol feminino.

O verdadeiro choque de realidade, contudo, acontecia nos gramados. Naquela época, como conta o gestor, era comum que as exibições das mulheres acontecessem como preliminares de jogos entre homens. Ele descreve as memórias, onde jogadoras – muitas das quais não tinham condições de treinar diariamente por terem outros empregos – entravam diante de públicos de mais de 120 mil pessoas.

A recepção inicial pelas arquibancadas era hostil, mas que se transformava conforme o espetáculo apresentado dentro de campo:

Um povo que não estava lá para ver essas meninas. Era cercado de preconceito. A entrada no campo era cercada de xingamento, o pessoal desfilava sem nenhum tipo de

pudor todo o preconceito que tinham contra a presença da mulher ali. Mas passavam 10, 15 minutos de jogo. Quando eles começavam a ver os dribles, as fintas, os gols que saíam [...] Os lances eram tão geniais que... Você não imagina a emoção que era, de repente, ao invés do xingamento, você levantar o Morumbi inteiro ou o Maracanã inteiro.

Voltando à primeira Taça Brasil, o Radar de Eurico Lira foi o grande campeão do disputa. Fundado em 1952, o clube era comandado pelo empresário, que em 1981 decidiu organizar um time de mulheres. Incentivador do futebol praticado por elas, Eurico tinha influência no cenário esportivo da época, como descrevem Goellner e Cabral (2022):

Eurico Lira era um empresário muito conhecido no cenário carioca. Tinha amizades com políticos, frequentava uma ampla roda social e era próximo de pessoas influentes como, por exemplo, João Havelange, então presidente da FIFA, que sugeriu ao empresário a criação de uma equipe de mulheres. Essas relações facilitaram a obtenção do patrocínio de empresas e marcas consolidadas [...] proporcionando ao clube a contratação de jogadoras de destaque, bem como a realização de viagens para participar de competições internacionais (Goellner; Cabral, 2022, p. 51).

O Radar, então, conquistou destaque nacional e internacional ao longo da década de 1980. Em 1982, o time carioca se tornou a primeira equipe brasileira de futebol de mulheres a jogar no exterior, vencendo de forma invicta o Torneio Mundial de Clubes na Espanha, contra os selecionados da Espanha, Portugal e França. Posteriormente, realizou uma excursão de sucesso pelos EUA e Chile em

1983, com oito vitórias e um empate, e conquistou uma série de títulos nos anos seguintes, em torneios no Suriname (1984), Rio de Janeiro (1985) e no México (1986).

A presença do Radar na Europa também se consolidou em 1986, quando, na Itália, foram campeãs do IV Mundialito de Tórtora e vice-campeãs do Torneio da Cidade da Itália (Goellner; Cabral, 2022).



**O Radar foi o grande nome da década de 1980.**

Créditos: Reprodução/Dibradoras

Enquanto o Rio de Janeiro viveu a ascensão do time de Eurico Lira, em São Paulo, um ano após a regulamentação pelo CND, em 1984, o marco foi a criação do Campeonato Paulista de Futebol Feminino. Dessa forma, ao final da década, o crescimento do futebol de mulheres no Brasil parecia promissor, conforme analisado por Darido (2002):

Em 1987, a CBF já havia cadastrado 2 mil clubes e 40 mil jogadoras. No ano seguinte, o Rio de Janeiro organizou o Campeonato Estadual e a primeira seleção nacional conquistou o terceiro lugar no inédito Mundial da China. O ano de 1988 marcou também o início da decadência do Radar e, com ele, do futebol feminino do Brasil. (Darido, 2002, p.3).

A “primeira seleção nacional” mencionada por Darido, na prática, foi composta quase em sua maioria por atletas do Radar. Assim, em 1988, 18 jogadoras – sendo 8 do time carioca – representaram o Brasil na disputa do Torneio Experimental da China, o primeiro esforço da Federação Internacional de Futebol (FIFA) na realização de uma Copa do Mundo de Futebol Feminino. A realização desse encontro será detalhada no capítulo a seguir, mas é importante destacar as condições vividas por aquelas jogadoras.

Para o Torneio Experimental, o selecionado do Brasil viajou sem uma organização formal da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Os jogos eram disputados em 80 minutos, as jogadoras tiveram de utilizar uniformes confeccionados para a seleção masculina e praticamente não haviam feito uma preparação como um selecionado.

As pioneiras, de forma geral, não eram tratadas como atletas profissionais. Não havia contratos assinados, muitas ganhavam apenas a ajuda de um valor irrisório para despesas como transporte, sendo impossível se dedicar à carreira integralmente ou “viver do futebol”. Salvini e Marchi Júnior (2013) analisam a falta de apoio institucional como contribuição para um colapso:

A despeito de todo o patrocínio, visibilidade e destaque alcançados pela equipe organizada pelo Esporte Clube Radar na década de 1980, a realidade era que não havia um apoio institucional consolidado, inclusive por parte da instituição regente do futebol no país, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Assim, o Radar não conseguiu se manter por muito tempo, encerrando suas atividades logo após ser a base da equipe que representou o Brasil no campeonato mundial da China [...] (Salvini e Marchi Júnior, 2013, apud, Fernandes et al., 2023, p. 107).

Apesar da derrota que foi a desestruturação do Radar, a década de 1990 representou um novo despertar para as mulheres. Isso período orque o período foi impulsionado pela realização da primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino, em 1991, e pela inclusão da modalidade nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996. A Seleção Brasileira figurou nessas primeiras competições internacionais assim como foi tricampeã (1991, 1995 e 1998) do Campeonato Sul-Americano. Internamente, em menor velocidade, seguiu-se a organização de competições regionais e estaduais.



**Treino da Seleção Brasileira de 1988.**

Créditos: Museu do Futebol

Essa crescente, no entanto, não significou um apoio imediato do público e, muito menos, da imprensa esportiva. Os jornais brasileiros, por exemplo, optavam por dar foco à falta de tradição da Seleção Brasileira como justificativa aos resultados conquistados nos primeiros torneios internacionais, sem devidamente destacar os problemas estruturais enfrentados pela modalidade no país (Fernandes *et al.*, 2023). Ao invés de mostrar como os resultados poderiam ser considerados expressivos dentro do atraso do futebol feminino no Brasil, a narrativa difundida ainda era a de inferiorização. A constante comparação com o futebol masculino — que na época já estava historicamente conso-

lidado — serviu para diminuir a importância dos feitos das mulheres:

[...] os jornais indicavam que a ascensão do futebol como prática profissional entre as mulheres, mesmo em um contexto internacional, também era incipiente. No caso brasileiro, a seleção feminina já participava de competições mundiais — ainda que sem o respaldo necessário — buscando por mais visibilidade, sobretudo, em relação ao futebol masculino, que contava com distinto apoio. Este quase abandono institucional em comparação à modalidade masculina era evidenciado pelas fontes jornalísticas (Fernandes *et al.*, 2023, p.106).

Mas, nem mesmo esse descrédito foi capaz de frear àquelas que pediam passagem.

## Na chegada do século XXI

A virada do milênio traria mais mudanças para o futebol feminino brasileiro. Passando por uma breve contextualização da chegada do século quanto a modalidade, vale a observação de que a Seleção Brasileira seguiu representando o país nas principais competições, ganhando visibilidade e apelo internacional.

Esse período marcou o surgimento e a consolidação de uma geração de grandes nomes, principalmente nas figuras de Sissi, Formiga e, posteriormente, Marta, eleita seis vezes a melhor do mundo ao longo dos anos. Os resultados acompanharam esse momento: o Brasil conquistou o vice-campeonato nos Jogos Olímpicos de 2004, em Atenas, e repetiu a medalha de prata na Copa do Mundo de 2007, na China. Nos Jogos Pan-Americanos de 2007, no Rio de Janeiro, além do resultado, veio o abraço do público.

Na final contra os Estados Unidos, quase 80 mil torcedores foram ao Maracanã para ver a Seleção conquistar a medalha de ouro panamericana com uma goleada de 5 a 0 sobre as americanas.

No entanto, principalmente no que dizia respeito à estrutura interna de organização de clubes e às condições de trabalho oferecidas, a modalidade continuava operando com pouco apoio e investimento institucional. Tanto que foi somente em setembro de 2007 que a CBF decidiu dar um passo ao iniciar a organização da “primeira” edição de um campeonato nacional, a Copa do Brasil. Como registrou o jornalista Allan Caldas, em uma publicação no site<sup>2</sup> do “O Globo”, naquele mesmo ano, das 21 jogadoras brasileiras que disputaram a Copa do Mundo da China, 13 jogavam em clubes brasileiros, com um calendário que se limitava aos poucos campeonatos regionais do país.

Enquanto a iniciativa nacional se desenvolvia a passos lentos, alguns projetos se tornaram referências por conta própria. Foi o caso de um outro grande precursor: o Saad Esporte Clube, de São Caetano do Sul.

O futebol feminino do Saad foi construído por Romeu Castro, citado anteriormente, após o Guarani não dar seguimento a modalidade em Campinas. O time do ABC Paulista foi uma das, senão a principal equipe brasileira em termos de organização na década de 1990. Por trás desse sucesso, Romeu também detalha com orgulho a história vitoriosa do time:

O Saad se transformou, por mais de duas décadas, na maior marca de futebol feminino do Brasil. São sete campeonatos brasileiros, o primeiro clube a ganhar uma

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/cbf-anuncia-criacao-da-copa-do-brasil-de-futebol-feminino-4151060>

competição de base feminina oficial da CBF, que foi o Brasileiro Sub-17 de 97. Foi o primeiro campeão da Copa do Brasil [...]. O Saad abriu o caminho. Teve a época de ter mais de 20 jogadoras na seleção brasileira, todas do Saad. Então, a gente tem um orgulho muito grande dessa história.



**Equipe do Saad, em novembro de 1987.**

Créditos: Acervo pessoal/Romeu Castro

O time do Saad disputou suas últimas competições oficiais entre 2009 e 2010. Segundo o executivo, a desativação se deu pela falta de recursos. Apesar das conquistas do time, o patrocínio era escasso e não cobria os custos de salários e de uma operação de alto nível que incluía centro de treinamento, habitação em quartos duplos para jogadoras, piscina, academia e alimentação diária.

Dando foco ao estado de São Paulo, além do Saad, outros projetos tiveram seus momentos de destaque ao passar dos anos, como o Clube Atlético Juventus, no fim da década de 1980, e a Associação Portuguesa de Desportos, na virada para os anos 2000. Houve também projetos dos "clubes grandes", como o São Paulo F.C, que manteve uma equipe de 1997 até desativar o projeto por um período

em 2000. A S.E. Palmeiras foi outro a ter um time campeão paulista em 2001. O Santos F.C, que também iniciou seu projeto em 1997 e foi um dos principais na primeira década do século XXI, se consolidou por volta de 2008, formando um time vitorioso e uma das maiores forças do Brasil apenas três anos antes de sua primeira desativação. Paralelamente, equipes de fora da capital, como as de Araraquara e Botucatu, começaram a ganhar força com o apoio de políticas públicas.

Na década de 2010, em um período da estruturação das competições no Brasil e na América do Sul, um outro time dominante apareceu: o São José Futebol Feminino. Como abordaremos a fundo neste livro, sua crescente a partir de 2011 culminou no tema central da obra, a conquista do **Campeonato Internacional de Clubes Feminino**, em 2014, no Japão.

Equipe de mulheres na Inglaterra,  
antes da metade do século XX.  
Créditos: Reprodução/Fox Photos/Getty  
Images



## 2. A luta global

Antes de chegarmos ao momento da inserção do São José no cenário nacional, internacional e o lugar do futebol feminino brasileiro mundo afora, vamos dar um passo atrás para contextualizar como era a modalidade do outro lado do oceano Atlântico. É importante destacar que os desafios no desenvolvimento do futebol de mulheres não foram uma exclusividade do Brasil. Pelo contrário, a história feminina no esporte é marcada pela luta global, evidenciando que a resistência à presença delas nesse meio era uma questão com dimensões internacionais.

Como apontado por Bonfim (2019), a aparição das primeiras mulheres jogando futebol na Europa datam aos anos finais do século XIX. Registros informais apontam escocesas se aventurando no esporte em eventos comemorativos na época. Um dos marcos mais antigos é datado de 23 de março de 1895, quando equipes femininas do Norte e Sul da Inglaterra se enfrentaram no *Crouch End Athletic Ground*, em Londres, diante de mais de dez mil pessoas.

Mais perto do Brasil, na América do Sul, a prática também encontrava seu espaço. Bonfim (2019) resgata registros de uma partida feminina na cidade de Rosário, Argentina, em 5 de outubro de 1913. Além disso, o movimento ganhou força no país vizinho, chegando à formação de uma liga feminina e a um jogo contra paraguaias disputado em 1923. O crescimento não tinha fronteiras. Na

Europa, times ingleses e franceses exerciam um importante intercâmbio cultural, excursionando entre países europeus como Espanha e Bélgica na década de 1920. Os confrontos internacionais eram “jogados perante numerosa e entusiasmada assistência” (*Sport Ilustrado apud* Bonfim, 2019, p.72), demonstrando o apelo popular que a modalidade já possuía. Bonfim (2019) ainda detalha o crescimento de times, principalmente na Inglaterra, nesse período:

Com a maior divulgação e difusão do futebol feminino nos periódicos ingleses da época, só na Inglaterra documenta-se aproximadamente 150 times de futebol em 1920, registrando, inclusive, o que provavelmente foi o primeiro jogo internacional feminino entre Inglaterra e França, na cidade de Preston e com 25 mil espectadores. Espanholas (1914), australianas (1915), francesas (1917) e austríacas (1923-1924) também dividiram as páginas e comentários nos periódicos esportivos na primeira metade do século XX ao aparecerem jogando futebol publicamente (Bonfim, 2019, p.21).

Apesar do entusiasmo, o crescimento do futebol feminino mundial também veio acompanhado dos discursos misóginos na tentativa de reforçar que supostas diferenças biológicas corroboravam para o não pertencimento das mulheres no esporte. O caso da Inglaterra, tido como o “berço” do futebol moderno, é simbólico em meio a essa tensão. O futebol de mulheres teve um certo espaço no país durante a Primeira Guerra Mundial, como explica Pessanha (2021). As mulheres das classes trabalhadoras ocuparam os postos deixados pelos homens, tanto nas fábricas quanto nos gramados, com times fabris realizando jogos beneficentes. Contudo, com o fim do conflito, a sociedade inglesa buscou “devolver aos homens aqueles que eram considerados seus locais de pertencimento” (Pessanha,

2021, p.2). Isso acarretou em uma proibição pela Associação de Futebol da Inglaterra (FA) oficializada em 5 de dezembro de 1921. Assim, o desenvolvimento da modalidade naquele país foi interrompido, impedindo formalmente que estádios e campos recebessem competições e treinamentos femininos.

As justificativas foram semelhantes aos ideais que embasariam a proibição no Brasil anos depois. Apesar da censura, houve resistência imediata. A *English Ladies' Football Association* (ELFA) foi criada em 1921 como resposta direta ao banimento, refletindo a luta das mulheres envolvidas (Gregory; Iglkowski-Broad, 2023). A reação se justificava, pois, antes da medida excludente da FA, o jogo das mulheres já demonstrava um apelo popular inegável na Inglaterra. Um público de 53 mil espectadores presente em uma partida no Goodison Park, em Liverpool, em 1920, ressalta o potencial que seria explorado caso não tivesse seu desenvolvimento interrompido.

A proibição inglesa só seria revogada cinco décadas depois. Aos poucos, impulsionado também pelos movimentos sociais da época, o futebol de mulheres voltou a ganhar espaço no país.

Fica claro, portanto, que o interesse popular pela modalidade já existia internacionalmente. Um marco dessa ascensão aconteceu em 1971, com a realização de uma Copa do Mundo não oficial no México, organizada pela Federação Europeia Independente de Futebol Feminino (FIEFF). O torneio contou com seis seleções internacionais (México, Argentina, Inglaterra, Dinamarca, Itália e França) e foi, talvez, o primeiro evento que demonstrou a força da modalidade. A final, no Estádio Azteca, atraiu um público estimado de 112.500 pessoas para ver a Dinamarca vencer o México, por 3 a 0. São poucos os registros

existentes que foram recentemente resgatados através do documentário *Copa 71*<sup>3</sup> (2023).

Retornando ao Brasil, embora as notícias sobre as partidas do futebol de mulheres na Europa chegassem ao país através da imprensa, a influência desse desenvolvimento para com o cotidiano da modalidade no cenário nacional era incerta, uma vez que essas informações, em sua maioria, eram vagas (Bonfim, 2019).

Se a “Copa de 71” foi algo não oficial, a década seguinte traria os primeiros sinais de reconhecimento institucional. Em janeiro de 1981, o então presidente da FIFA, o brasileiro João Havelange, assinalou o desejo da entidade de assumir a gestão da modalidade (Pessanha, 2021). Diante desse momento, a estruturação ao redor do mundo foi desigual. Países europeus e os Estados Unidos, construíram uma base sólida que perdura até hoje, marcada por ligas profissionais e apelo público. Esse ordenamento é, inclusive, um dos fatores que refletem na hegemonia de certas nações em competições internacionais ao longo dos anos. Em contrapartida, o Brasil correu em um ritmo lento. A fragilidade da estrutura da modalidade a nível nacional ficou evidente no período após o primeiro grande evento oficial.

O reconhecimento da FIFA culminou na organização do Torneio Experimental da China em 1988, um evento-teste que avaliava a viabilidade de uma Copa do Mundo para as mulheres. A Seleção Brasileira ficou com o terceiro lugar. O sucesso, no entanto, não se reverteu localmente. Como apontado anteriormente, o Radar encerrou suas atividades logo após o torneio, e o ano de 1988 marcou uma decadência no futebol feminino brasileiro, com a desativação de outras equipes. Conforme observa Darido (2002),

---

3 Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81741310>

vários dos principais projetos que investiram em times fortes durante a década de 1980 fecharam as portas ou simplesmente desistiram de apoiar a modalidade.

Três anos depois, em 1991, a FIFA organizou, enfim, a 1ª Copa do Mundo de Futebol Feminino, novamente na China. Nesse intervalo – entre o torneio experimental e o oficial – enquanto alguns países desenvolveram a prática da modalidade com campeonatos fixos, o Brasil estagnou. Em 1991, a maioria das jogadoras da Seleção Feminina Brasileira não tinha clube (Fernandes *et al.*, 2023). Em uma citação do *Jornal do Brasil* (1991), é possível mensurar a disparidade da organização em relação a outros países:

Enquanto as brasileiras estavam sem jogar desde 1988, as adversárias, ao contrário, se mantinham em atividade, disputando campeonatos em seus países, além de torneios internacionais. A Suécia conta com 600 mil jogadoras em quatro divisões. Quase o mesmo número da Noruega e da Alemanha. Apesar de só praticar efetivamente o futebol com a chegada de Pelé ao Cosmos, em 1975, os Estados Unidos já contam com quatro milhões de jogadoras (Brasil não acompanha... 1991, 34 *apud* Fernandes et al., 2023)

Assim, apesar das histórias compartilhadas de proibição, resistência e luta, existe uma diferença entre o desenvolvimento estrutural da modalidade ao redor do globo. Embora a Seleção Brasileira tenha acompanhado parte desse pioneirismo no cenário internacional, o fez sem o respaldo necessário domesticamente. A prática no Brasil permaneceu atrelada a um modelo amador.

Ao fim do século XX, o grande destaque do futebol feminino estava nas competições de seleções. A criação da Copa do Mundo pela FIFA (1991) e a inclusão da modali-

dade nos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996) mostraram a relevância do futebol de mulheres em um período de consolidação da globalização, como aponta Pizarro (2024). Enquanto isso, o Brasil não tinha uma ordem consolidada na organização de clubes de futebol feminino.

No futebol masculino, os primeiros clubes do país datam ao século XIX, com os mais antigos ainda em atividade estabelecidos no início dos anos 1900. E essa longevidade, conforme descrito por Carlassara *et al.* (2023), criou uma estrutura complexa, onde os clubes de futebol são encarados como “lugares de tomada de decisões estratégicas (business)... para busca da máxima eficiência dos negócios esportivos e desempenho atlético das equipes (performance)”. Para as mulheres, no entanto, essa mentalidade ainda era uma realidade distante na virada do século XXI. A fragilidade era a norma. O exemplo do Radar, desativado logo após bons resultados, ilustrava a dificuldade de manter projetos a longo prazo sem um suporte assegurado.

Assim, apesar do desenvolvimento da Seleção, houve uma dificuldade em consolidar o futebol feminino de clubes no Brasil. Como foi visto, iniciativas iam e vinham, projetos se destacavam por um breve período e, sem rentabilidade ou uma estrutura institucional sólida vinda da CBF, através de competições e investimento, os times acabavam se encerrando.

Na verdade, essas idas e vindas parecem ter sido o *modus operandi* da modalidade no país ao longo das décadas. Uma dessas foi exatamente o caso do time de São José dos Campos, cuja história aprofundaremos a seguir.



**Seleção Brasileira no Torneio Experimental de 1988, na China.**

Créditos: Museu do Futebol



**Dinamarca venceu a primeira Copa do Mundo não oficial, em 1971, no México.**

Créditos: TopFoto/Marina Amaral/New Black Films



**Seleção Brasileira na 1ª Copa do Mundo de Futebol Feminino da FIFA, em 1991, na China.**

Créditos: Acervo Pessoal/Lunalva Torres de Almeida.

### 3. O despertar do São José Futebol Feminino

Para entender como o São José Futebol Feminino se tornou uma potência, é preciso, primeiro, reforçar o cenário vivenciado pela modalidade no Brasil no início dos anos 2000. Como observam Salvini e Marchi Júnior (2013, p. 56), “a falta de um calendário de campeonatos e clubes que não mantêm os times o ano inteiro ainda era a realidade do futebol feminino brasileiro”. Por um lado, era um período de destaque da camisa da Seleção Brasileira, por outro, os clubes careciam de estrutura. Nesse contexto, o foco maior das jogadoras, na necessidade, acabava por ser a visibilidade em competições de nível mundial.

Mesmo diante das dificuldades internas, e conforme já abordado anteriormente, alguns projetos se destacaram. Romeu Castro, fundador do Saad – que trabalhou para oferecer estrutura, salário e condições acima da média para a época –, explica como essas iniciativas conseguiam sobreviver:

Naquela época, você vivia de dinheiro das prefeituras, e apoio das escolas. Basicamente [sobrevivia] quem estava ali entre os três primeiros dos campeonatos nacionais. Ali no início de 2007, conseguimos que o Bolsa Atleta fosse estendido ao futebol feminino. Isso trouxe uma situação que permitiu que as meninas que tinham conquistas pela seleção brasileira tivessem um salá-

rio maior, garantido pelos quatro anos seguintes. E as equipes que anualmente jogavam as competições nacionais puderam aliviar uma parte considerável dessa folha de pagamento, sendo coberta pelo Bolsa Atleta.

Foi ancorado nesse modelo de gestão, com apoio de políticas públicas e patrocínios pontuais do setor privado, em um período em que a CBF ainda não dedicava seu investimento, que emergiu fora de um centro consolidado no futebol brasileiro e um pouco afastado da capital do estado, o São José Futebol Feminino. O projeto no Vale do Paraíba se consolidou no início da segunda década do milênio como um dos mais relevantes do Brasil, colecionando títulos nacionais e internacionais.

O time de futebol feminino de São José dos Campos começou a ser idealizado pela administração do município no início dos anos 2000 e foi oficializado no ano seguinte. A iniciativa, contudo, não foi a primeira da cidade. O Museu de Esportes de São José dos Campos tem um registro da década de 1950 com uma equipe formada por mulheres.



**1º Time de Futebol Feminino de São José dos Campos,  
no Campo da Rhodia.**

Créditos: Museu de Esportes de São José dos Campos

Pela data da foto, elas entravam em campo resistindo e desafiando a proibição do Decreto-Lei nº 3.199. Anos mais tarde, já com o fim da lei, outro time organizado em SJC esteve ativo entre 1982 e 1992, mas longe de algo profissional. As atletas sobreviviam com ajuda de doações de terceiros, inclusive vereadores e prefeito, mas chegaram a ser campeãs regionais em 1986 (Roque; Fraga; Zanetti, 2014).

Mas é em 2003 que entra em cena um personagem fundamental para a história moderna do projeto. Márcio Oliveira, ex-árbitro de futebol, mantinha uma equipe de futsal feminino em São José dos Campos, que passou a se destacar em campeonatos da federação. Em conversa com Márcio para este livro, ele recorda que foi o sucesso no salão que chamou a atenção da administração municipal.

A prefeitura vinha tentando, até então sem sucesso, montar comissões técnicas de futebol feminino para representar a cidade em Jogos Regionais e Jogos Abertos do Interior. Diante do desempenho da equipe d, treinador o convite foi feito para ele assumir o projeto de campo. Dessa forma, Márcio Oliveira reestruturou a equipe municipal usando seu time de quadra como base, e recrutando novas atletas com o apoio da Prefeitura de São José.



**O time joseense venceu o 47º Jogos Regionais, em 2003.**

Créditos: Museu de Esportes de São José dos Campos

O suporte municipal, desde o início, foi um dos fatores para a estabilidade do projeto. Ao se ancorar em recursos públicos, a equipe viveu um desenvolvimento contínuo. De 2003 a 2010, foram subindo degrau por degrau.

Márcio Oliveira relata que<sup>4</sup>, ao longo desse período, o investimento foi gradualmente ampliado. Assim permitindo ao projeto trazer atletas mais experientes e obter recursos da prefeitura, como o programa de bolsa-auxílio, que viabilizou a chegada de jogadoras com mais rodagem. Vinculada à Secretaria de Esporte e Lazer, a equipe se beneficiava do projeto ‘Atleta Cidadão’, uma iniciativa municipal criada em 1999 para investir na descoberta de jovens talentos esportivos. Além disso, contava com a verba do Fundo de Apoio ao Desporto Não-Profissional (Fadenp) para a manutenção do time. Esse fundo é subsidiado por meio de Leis de Incentivo Fiscal (LIFs), que permite às empresas locais direcionarem parte de seus impostos para apoiar projetos desportivos não profissionais em São José dos Campos.

Inicialmente, a equipe de municipal ganhou espaço justamente disputando diversas edições dos Jogos Regionais e Jogos Abertos. O foco nesses torneios regionais se dava, em grande parte, ao fato de ser um projeto ligado à prefeitura, que valorizava a representação municipal da iniciativa. Contudo, com os anos, o futebol feminino foi se desenvolvendo internamente.

Em 2004, depois de dois anos sem acontecer, o Campeonato Paulista Feminino voltou a ser organizado em uma parceria da Federação Paulista de Futebol (FPF) com a Secretaria de Estado da Juventude, Esporte e Lazer. Com grande participação dos chamados “times de prefeitura”, o São José Futebol Feminino, comandado – dentro

---

<sup>4</sup> Em entrevista dia 14/10/25

e fora de campo – por Márcio Oliveira esteve presente no torneio, mas aparecendo nos registros sob o nome de S.E.L São José/FADENP. Assim consta na Enciclopédia do Futebol Paulista (2021):

Após dois anos sem disputa, o Campeonato Paulista de Futebol Feminino voltava ao calendário, com organização da Secretaria de Estado da Juventude, Esporte e Lazer e com apoio da FPF. O número de participantes explodiu: 32 times na disputa, um recorde até os dias de hoje. Equipes filiadas à Federação se misturaram com times de prefeituras municipais e de universidades, que retornam ao cenário (Enciclopédia do Futebol Paulista, 2021).

No entanto, quatro anos depois, a FPF anunciou que somente clubes filiados à entidade poderiam participar do torneio estadual. Assim, no papel, em 2008, o São José teve de viver uma mudança para, de certa forma, profissionalizar ainda mais o projeto. Antes representando a prefeitura da cidade, agora precisaria de uma “camisa” para disputar o campeonato. Foi quando foi firmada a parceria com o São José Esporte Clube.

Aqui, é importante deixar clara a separação das coisas. O SJEC, principal clube de futebol de São José dos Campos – fundado em 1933, profissionalizado em 1964 como Esporte Clube São José e renomeado em 1976 –, era apenas dono do registro. O time de mulheres passou a usar o nome, escudo e a filiação do SJEC na federação pela exigência do regulamento. No entanto, a gestão não tinha qualquer vínculo administrativo e financeiro com a diretoria do clube de futebol masculino. O projeto permanecia totalmente sob responsabilidade da Secretaria de Esportes da Prefeitura, mas através da parceria formal com o São José Esporte Clube, representaria São José dos Campos

nas competições oficiais.

É possível, inclusive, ver o impacto dessa mudança no licenciamento dos times através da Enciclopédia do Futebol Paulista (2021). De 2008 para 2009, como o Paulistão Feminino deixou de ter a participação de times de prefeituras, passando a aceitar única e exclusivamente clubes filiados, o número de equipes participantes caiu de 18 para 14.

A virada de chave do São José Futebol Feminino aconteceu mesmo em 2010. Márcio Oliveira seguia como o grande responsável por administrar praticamente todas as áreas do projeto. Com o crescimento do time, e da modalidade, a Secretaria de Esportes de São José dos Campos buscou apoio externo para estruturar a equipe de forma mais adequada. Foi assim que encontraram Gustavo Assad. Embora sempre tivesse tido interesse em esportes e possuir pós-graduação em gestão esportiva, ele nunca havia trabalhado com o futebol feminino. Através de contatos, a Secretaria de Esportes decidiu pedir sua ajuda para buscar melhorias, inicialmente para captar investidores para o projeto. Em entrevista<sup>5</sup>, Gustavo conta que, então, começou a se desdobrar nos contatos, passando a apresentar o projeto do São José Futebol Feminino a empresas da cidade em busca de investimento.

O grande trunfo para a captação era o apoio por meio da LIF. Na prática, esse mecanismo de incentivo permite que iniciativas privadas destinem até 100% do seu IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) ou ISS (Imposto Sobre Serviços) diretamente ao projeto esportivo da cidade. Em vez de as empresas pagarem o imposto aos cofres públicos, o valor era aplicado no esporte, o que facilitava enormemente a adesão dos patrocinadores. Nesse

---

5 Entrevista realizada dia 16/10/25

esquema de captação de recursos, ocorreu a entrada da Escola Técnica Everardo Passos (ETEP Faculdades), uma instituição privada de ensino superior com sede em SJC, como uma das grandes parceiras do São José. Foi um “encaixe” perfeito de interesses, conforme relembra Gustavo:

Fizemos várias reuniões com o departamento de marketing da ETEP. Eles estavam buscando crescimento fazendo aquisições, oferecendo bolsas. E queriam usar algo para poder divulgar o nome deles. Precisavam de um marketing efetivo, forte. Deu match. A coisa chegou, deu certo. Aí mudou a história do futebol feminino de São José dos Campos. Foi uma virada de mesa, uma virada de chave, uma coisa disruptiva.

A ETEP passou a apoiar o projeto com um investimento significativo, o que deu à equipe a estabilidade necessária para se manter em alto nível. O ex-coordenador ainda relembra como a notícia funcionou como um novo gás para as jogadoras. Já naquele ano, começaram a montagem de um elenco muito mais competitivo, com algumas atletas com passagem pela Seleção Brasileira. A estrutura, segundo Gustavo, foi se desenvolvendo com os novos recursos. “Preparador de goleiro, tudo que era necessário, a gente passou a ter. Médicos... foi melhorando a estrutura”. O investimento permitiu não só aumentar o número de jogos e competições, mas também implementar uma nova mentalidade profissional.

Com esse resultado inicial, Gustavo assumiu de vez a coordenação do futebol feminino do São José a partir de julho de 2010. “Começamos a cobrar, exigir. As jogadoras tinham direitos, mas também tinham deveres, obrigações. A questão da pontualidade, da disciplina”, relata Gustavo.

Ele ressalta, contudo, que a cobrança não tornou o ambiente pesado. E os resultados apareceram já naquele ano.

A equipe chegou à final do Campeonato Paulista e foi vice-campeã. Na decisão contra o Santos, dois empates – o primeiro por 2 a 2 e o segundo em 1 a 1 – deram o título ao time da Baixada, que tinha a vantagem da melhor campanha na primeira fase. “O resultado não foi o mais importante, e sim o que estava acontecendo, toda a movimentação, a entrega. As meninas tinham outra fisionomia, outro comportamento. Tinha uma esperança ali de ‘agora, vai’. Realmente, foi e aí começou uma nova história”, conta Gustavo.

Ele fala dessa nova história justamente porque o vice-campeonato paulista teve uma consequência imediata: o São José ganhou o direito de disputar, pela primeira vez, a Copa do Brasil no ano seguinte. As “Meninas da Águia”, como são apelidadas, haviam se credenciado para disputas além do “interior”. Em 2011, na estreia nacional, a equipe acabou eliminada nas quartas de final pelo time de São José do Rio Preto. Mas, no mesmo ano, um grande passo foi dado a nível continental.

A prefeitura de São José dos Campos conseguiu levar a CONMEBOL Libertadores Feminina para a cidade. Com isso, o clube garantiu automaticamente uma vaga na competição como representante da sede. Foi uma manobra de certa forma estratégica. Naquela época, a vaga brasileira era destinada ao campeão da Copa do Brasil, recebendo o torneio, o São José, conseguiu “furar a fila”. O foco se voltou, então, para a Libertadores. A equipe buscou reforços de peso, como Miraildes Maciel Mota, a histórica Formiga. O patrocínio da ETEP, inclusive, foi fundamental nessa contratação, ajudando a custear o salário e a moradia da atleta. “Para aquela Libertadores, fizemos

uma preparação específica. Reforçamos ainda mais o elenco com nomes como Formiga, Michele Carioca, Daniele Milho, Fabi Nascimento, Michele Nunes e Francielle. O time estava muito forte e competitivo”, lembra Márcio Oliveira, que seguia como técnico daquela equipe.

Mesmo assim, vivendo um começo de projeto, era normal que o São José chegasse para a Libertadores “pela porta do fundo”. O Santos, então bicampeão da América com títulos em 2009 e 2010, era o favorito para a vencer também a edição de 2011. Mas dentro de campo, a Águia soube aproveitar a oportunidade. Em casa, eliminou o Santos nas semifinais, por 2 a 1, e venceu o Colo-Colo, do Chile, por 1 a zero, para ficar com o título no dia 27 de novembro.

“Foi um jogo memorável, 1 a 0 contra o Colo-Colo, gol da Poliana. Aí nós entramos no mapa. A Bagé [zagueira] tem até uma foto assim que ela mostra: ‘Prazer, América. Aqui é o São José’, ao erguer a taça. E nós entramos no circuito, demos boas-vindas, né? ‘Olha aqui o São José’. Ninguém apostava. Aí começou a trajetória”, lembra Gustavo Assad.

**São José vence sua primeira Libertadores Feminina em 2011.**

Créditos: Museu de Esportes de São José dos Campos



**Martins Pereira, casa do São José, lotado para a final.**

Créditos: Museu do Esporte de São José dos Campos



**Poliana marcou o gol do título joseense.**



Créditos: Museu do Esporte de Sao Jose dos Campos



**Comissão técnica do São José.**

Créditos: Museu do Esporte de São José dos Campos



**A Libertadores foi o primeiro grande título das Meninas da Águia.**

Créditos: Museu do Esporte de São José dos Campos

A partir de então, o futebol feminino de São José viveria suas temporadas de ouro. Márcio Oliveira atribui esse sucesso a uma filosofia de gestão clara. Esse modelo de gestão chamou atenção e trouxe mais investidores e apoiadores para o projeto ao longo dos anos.

---

“Todo esse crescimento veio de uma gestão baseada em consciência profissional, responsabilidade, respeito e disciplina.

Exigíamos comprometimento das atletas, oferecendo em troca estrutura, pagamentos em dia e um ambiente saudável para o futebol.”

(Márcio Oliveira)

---

Isso permitiu investir pesado em melhorias nos salários e bolsas das atletas, infraestrutura profissional, alojamento de alto nível, com cozinheiros, academia estruturada e bons campos para treino, algo realmente de “time grande”. Para as atletas, o São José oferecia um pacote atrativo para os padrões da época. Além de um salário que já estava acima dos R\$1.000 – valores considerados bons para o mercado nacional naquele momento, embora baixíssimos se comparados aos dias de hoje –, havia o diferencial das bolsas de estudo. Esse era um incentivo importante numa época em que as jogadoras também se preocupavam com a sobrevivência e o futuro fora do esporte.

A estrutura do São José trazia uma segurança valorizada incluindo alimentação completa e moradia. O time mantinha uma casa ampla, com cerca de cinco quartos, onde muitas atletas do elenco residiam, dividindo os espaços. Era um cenário onde a gestão não apenas mantinha o projeto só “por manter”, mas buscava tratar a modalida-

de com dignidade e ambição, buscando grandes jogadoras para atrair patrocinadores e ganhar títulos.

O êxito em campo, então, acabava por ser um pouco do reflexo da gestão dos bastidores, focado na rotina diária do time, como conta Fabiana Rossetti, que passou a ser Assistente da Coordenação do São José em 2012. Irmã de jogadora – e tendo ela mesma tentado a carreira. Fabiana foi o “braço direito” de Gustavo Assad. Ela atuava no dia a dia, solucionando todos os tipos de problemas que o elenco viesse a ter, desde cuidados com o alojamento, seja com um chuveiro quebrado ou a lista de compras, até monitorar a alimentação das jogadoras. “Tudo é gestão. Tudo aconteceu porque tinha gestão”, explica Fabiana<sup>6</sup>, “não adianta você ter um valor enorme para trabalhar, se você não sabe contratar, se você não sabe formar um time. Então a gente tinha uma estrutura para que as coisas acontecessem e a gente conseguisse se manter em relação ao futebol feminino.”

Ao longo dos anos dourados, o São José fez outras quatro participações na Libertadores. Em 2012, ficou com o terceiro lugar; na sequência, a equipe conquistou o bicampeonato consecutivo em 2013 e 2014. No ano seguinte, 2015, fez sua última participação no torneio continental até o momento, terminando em quarto lugar. A Águia, inclusive, ostentou o título de maior campeão continental por quase uma década, até ser superado em 2023, pelo Corinthians.

A nível nacional e estadual, as joseenses empilharam outros títulos. Foram bicampeãs da Copa do Brasil – o principal campeonato nacional da época – em 2012 e 2013. E tricampeão estadual, conquistando o Campeonato Paulista em 2012, 2014 e também em 2015. Diante do suces-

---

<sup>6</sup> Em entrevista realizada no dia 26/10/2025.

so, o time se tornou também a base da Seleção Brasileira. Márcio Oliveira deixou de ser o treinador do São José e assumiu o posto na Seleção Brasileira Feminina principal em 2013. Gustavo Assad também chegou a trabalhar nas categorias de base da amarelinha. “Foi mudando a cara, a estrutura, a gestão, os recursos, a mentalidade. Na época, a gente começou a ficar em evidência. Vieram os títulos: três Libertadores, duas Copas do Brasil [...] Tanto que isso também levou toda a equipe para a seleção brasileira”, conta ele.



**Bagé com a camisa "Muito prazer América, esse é o São José".**

Créditos: Museu dos Esportes de São José dos Campos

Nesse tempo, com a saída de Márcio, Adilson Galdino assumiu o comando da equipe. Formado em educação física, Galdino iniciou sua carreira em projetos de futebol masculino e chegou ao feminino do São José em 2010, inicialmente como preparador físico. Posteriormente, assumiu a função de auxiliar técnico, até que, em 2014, subiu ao cargo principal.

O treinador, que hoje está em sua terceira passagem no comando da Águia, atuando também como coordena-

dor técnico, compartilha, em entrevista<sup>7</sup> concedida para este trabalho, a mesma visão sobre o crescimento do São José:

A partir do momento que você começa a se qualificar, estruturar, ter uma equipe muito forte, competitiva, começam a vir os títulos. E com isso, você consegue atrair mais patrocinadores, consegue ter um investimento um pouco maior, o que na época aconteceu. Nós conseguimos trazer mais atletas. Quando você, de um ano para o outro, já é vencedor, no outro ano quer dar continuidade

O ápice do projeto – e de muitas das carreiras ali envolvidas – foi mundial. O sucesso continental credenciou a disputa do Campeonato Internacional de Clubes Feminino, no Japão, em 2014. E o São José conquistou o título inédito, foco deste livro, sendo a única equipe sul-americana a ostentar essa taça na modalidade. A conquista coroou a ascensão das Meninas da Águia. Nesses anos, elas se mantiveram no topo do cenário nacional liderando o ranking de clubes da CBF. Outros grandes feitos josenenses marcaram esse período. Com a criação do Campeonato Brasileiro em 2013 – o que deu início a uma competição nacional regular, seis décadas depois do equivalente masculino –, a equipe foi a única a disputar as 10 primeiras edições do torneio, apesar de nunca ter conquistado o título.

Seu declínio, a partir de meados de 2017, será debatido mais adiante. Assim como o legado dessa trajetória e o que o futuro reservou à equipe. Primeiro, porém, é preciso revisitar a glória. A contribuição do São José Futebol Feminino não pode ser esquecida dentro da história “recente” do futebol de mulheres no Brasil.

---

<sup>7</sup> Em entrevista realizada no dia 20/10/2025.

## 4. Passaporte para o Japão

Se a trajetória do São José para chegar ao topo do mundo começa a ser traçada na virada de chave em 2010, o passaporte para o torneio no Japão foi carimbado de vez pela campanha na Libertadores Feminina de 2013.

Relembrando então, o time já havia vencido seu primeiro título continental em 2011 e ficado com o terceiro lugar em 2012. A campanha de 2013 era, portanto, a busca pelo bicameonato sul-americano.

Aqui, é interessante destacar que todos esses torneios continentais aconteceram em solo brasileiro. A versão feminina da Copa Libertadores da América, tinha – e, questionavelmente, mantém até hoje – características muito diferentes do torneio equivalente masculino. A competição acontece em um formato conhecido como de “tiro curto”, ou seja, os times participantes (atualmente 16) se reúnem em uma “janela” do calendário da temporada e disputam o título em pouco mais de duas semanas, com todos os jogos em um único país. E, até 2014, as cinco primeiras edições tiveram o Brasil como sede.

A própria criação do torneio, em 2009, partiu de uma iniciativa brasileira. Conforme registros da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) da época, a iniciativa da organização da primeira edição foi liderada pela diretoria do Santos, então campeão da Copa do Brasil de 2008, com patrocínio da Federação Paulista de Futebol

(FPF), Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e da própria CONMEBOL. O torneio inaugural aconteceu nas cidades de Santos, Guarujá e São Paulo, de 3 a 18 de outubro de 2009. Aquela edição contou com dez equipes – uma de cada federação nacional filiada à entidade sul-americana – divididas em dois grupos, com as duas melhores de cada chave avançando para as semifinais.

No evento de oficialização da criação da Libertadores Feminina, em julho de 2009, o boliviano Rómer Osuna, tesoureiro da CONMEBOL e presidente da Comissão de Futebol Femenino na época, respondeu em entrevista ao site da entidade<sup>8</sup>, que o objetivo do torneio era impulsionar “o desenvolvimento das ligas locais” e aumentar “a base de jogadoras” nos países sul-americanos.

O campeão da primeira edição foi justamente o Santos, derrotando o Universidad Autónoma, do Paraguai. A equipe da Baixada Santista venceu novamente em 2010, dessa vez batendo o Everton, do Chile, na final, sendo bicampeão na disputa realizada em Barueri.

Até que, em 2011, vindo de um momento de crescimento, como mencionado anteriormente, a administração de São José “mexeu os pauzinhos” para sediar o torneio em São José dos Campos. Assim, o clube garantiu vaga na Libertadores como anfitrião da edição. E surpreendendo com uma campanha invicta, as Meninas da Águia fizeram cinco jogos, vencendo quatro e empatando um. O título foi garantido após uma vitória na final contra o Colo-Colo, do Chile, nos pênaltis.

No ano seguinte, em 2012, o torneio aconteceu em Pernambuco, e conheceu seu primeiro campeão não brasileiro. O Colo-Colo venceu o Foz Cataratas nos pênaltis.

---

<sup>8</sup> Disponível em: [https://web.archive.org/web/20090807093131/http://www.conmebol.com/articulos\\_ver.jsp?id=64266&slangab=S](https://web.archive.org/web/20090807093131/http://www.conmebol.com/articulos_ver.jsp?id=64266&slangab=S)

A história chega, então, a 2013, com a quinta edição da Libertadores. Dessa vez, o São José conquistou sua vaga sendo campeão da Copa do Brasil do ano anterior. O torneio que, na época, era o mais relevante do calendário nacional, garantia ao vencedor o direito de representar o Brasil na competição continental. Entre 27 de outubro e 7 de novembro, o torneio foi disputado em Foz do Iguaçu, no Paraná. A cidade era a casa do Foz Cataratas, vice-campeão da edição anterior. As partidas ocorreram no Estádio do ABC e no Estádio Pedro Basso.

Na fase inicial, pelo Grupo B, as Meninas da Águia tiveram 100% de aproveitamento: três vitórias em três jogos. Elas venceram o Cerro Porteño, do Paraguai (1 a 0), o Everton, do Chile (2 a 0), e o Rocafuerte, do Equador (1 a 0).

Na semi, a equipe eliminou o Colo-Colo, então atual campeão do torneio, nos pênaltis, após um empate por 1 a 1 no tempo regulamentar. Na grande final, enfrentaram o Formas Íntimas, da Colômbia. No Estádio do ABC, em Foz do Iguaçu, o São José venceu por 3 a 1, com gols de Priscilinha – irmã de Fabiana Rossetti, aqui antes citada –, Dani e Gislaine, e conquistou seu 2º título continental.

E além da taça da “Glória Eterna” – em referência ao lema da Libertadores da América – a conquista deu chancela a uma disputa internacional. “O bicampeonato em Foz, quando ganhamos do Formas Íntimas, nos levou a ser convidado para disputar o Mundial”, lembra Gustavo Assad.

Francielle Alberto, mais conhecida como Fran, esteve naquela campanha com a camisa joseense. Hoje aposentada, a ex-jogadora – vice-campeã olímpica em 2008 e com participação na Copa do Mundo de 2011 – tinha uma relação particular com o torneio continental. Aquela con-

quista de 2013 foi seu quarto título de Libertadores, somando-se ao bicampeonato pelo Santos e ao primeiro título da própria Águia, em 2011.

A meio-campista conta em entrevista<sup>9</sup> que a sensação de ganhar aquela edição foi de uma empolgação a mais, justamente por causa da vaga no "Mundial":

Foi divulgado antes, na época, falando que quem fosse o campeão da Libertadores disputaria esse Mundial de clubes, mas ainda não estava definido todas as equipes. Assim como a gente também não estava 100% garantido. E aí quando confirmou tudo, ‘vai acontecer, vai rolar’, ficamos empolgados, obviamente, porque é um mundial, é uma experiência única.

Fran seguiu no São José em 2014, ano em que a equipe conquistou o terceiro título continental, novamente em casa, tornando-se o maior vencedor da competição até então. Mas o evento principal daquele ano seria mesmo o torneio no Japão.

Gustavo Assad e Fabiana Rossetti compartilham os detalhes de como foi o convite, ainda em 2013, que antecedeu a disputa. “A Federação Japonesa tinha um contato aqui no Brasil. Ele nos procurou, lembro que teve uma reunião, teve um almoço, tudo. E foi dado o pontapé inicial para a preparação para o Mundial”, relembra Gustavo. Esse contato, como detalhou Fabiana, era a ponte no Brasil para com a organização no Japão. Um executivo japonês, presidente de uma sucursal de uma seguradora aqui no país, também atuava como representante da entidade nessas ocasiões. “Era o nosso link com a Federação Japonesa”, completa ela. Gustavo relembra que o profissiona-

---

<sup>9</sup> Entrevista realizada no dia 09/09/2025

lismo dos japoneses foi sentido desde o primeiro dia do planejamento antecipado.

Ele define que o trabalho dos anfitriões foi “fantástico”, com disciplina e cuidado, o que ajudou a equipe a “ir plantando esse sonho”. Segundo o ex-coordenador, o time tratou de abraçar o convite, pensando em entrar para a história:

Quando veio o convite, a gente abraçou a causa. Falamos: ‘Isso é para entrar para a história’. A princípio, só de participar já estava sendo muito relevante, muito impactante. Mas a gente trabalhou em equipe, como um time, fazendo cada um a sua parte: a preparação da comissão técnica, a parte das atletas e a gente dos bastidores, da administração. Então foi muita entrega de cada um. Houve um comprometimento de falar: ‘Nós vamos dar o melhor’.

O técnico Adilson Galdino também recorda o impacto da notícia em começar a viver esse sonho do “Mundial de Clubes”:

Foi uma festa aqui. Era algo que as meninas tanto sonhavam. ‘Por que que a gente não estaria no Mundial de Clubes, sendo que o masculino tem todo ano?’. E aí chegou a hora. Foi algo fantástico na vida da gente, das atletas, de todos da comissão técnica e daqueles que nos apoiaram.

Enfim, havia chegado a hora. Com o convite oficializado, o planejamento iniciado e o comprometimento selado, a equipe agora tinha uma meta clara. Faltava atravessar o mundo em 2014 para encarar sua maior missão: o **Campeonato Internacional de Clubes Feminino**.

★ FUTEBOL FEMININO

# AMÉRICA É NOSSA!

## VALEU, MENINAS!

São José vence o Formas Íntimas por 3 a 1, de virada, e conquista o bicampeonato da Libertadores Feminina; agora, time vai disputar o título do Mundial de Clubes

MARCOS EDUARDO CARVALHO  
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

O São José é bicampeão da América. As Meninas da Águia conquistaram mais um caneco em sua história ao bater o Formas Íntimas da Colômbia por 3 a 1, ontem à tarde, no estádio ABC, em Foz de Iguaçu-PR, palco da final da Copa Libertadores Feminina.

Assim, o time de São José dos Campos repete o feito de 2011, quando faturou o título dentro de casa.

A conquista é a segunda do time este ano, que já havia vencido a Copa do Brasil em maio.

O time joiense foi comandado pelo auxiliar técnico Jefferson Felix, no lugar de Márcio Oliveira, que está no torneio como representante da CBF e técnico da seleção brasileira feminina.

Agora, as Meninas da Águia vão disputar no ano que vem o título Mundial contra o campeão da Liga dos Campeões da Europa. A partida será realizada no Japão.

**O jogo.** Log aos 3min, atacante Giovânia foi derrubada dentro da área e a árbitra marcou pênalti. A própria jogadora foi para a cobrança e desperdiçou, chutando muito fraco, em cima da goleira colombiana.

No minuto seguinte, o time adversário abriu o placar, com Diana Ospina, que aproveitou falha da defesa joiense para receber livre e chutar cruzado: 1 a 0 Formas Íntimas.

O gol, porém, não abateu as Meninas da Águia, que foram buscar o empate aos 11min com Priscilinha, após cruzamento da esquerda.

Um minuto e meio depois, em cobrança de falta fechada, Danielli fez o segundo; a goleira ainda tentou defender, mas tirou a bola de dentro do gol.

Na etapa final, a zagueira Gislaíne fez o terceiro da Águia logo aos 3min e deixou o título mais perto. Depois, foi só administrar a vantagem.

**O time.** Ontem, o São José entrou em campo para conquistar o bi da América com a seguinte formação: Thais; Poliana, Gislaíne, Bruna Benites e Mari; Formiga, Micheline Nunes, Danielli e Priscilinha (Carlinha); Fabiana Baiana (Alanna) e Giovânia. ●



*"A gente fica feliz, pois não é sempre que uma zagueira consegue fazer o gol. Foi uma disputa de bola dentro da área"*

GISLAÍNE  
ZAGUEIRA DO SÃO JOSÉ



Comente esta matéria no site [www.ovale.com.br](http://www.ovale.com.br)

### Prata da casa faz gol do título

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

O gol da zagueira Gislaíne, no início do segundo tempo, fechou o placar em 3 a 1 para o São José contra o Formas Íntimas e deu a tranquilidade necessária para o time da região administrar o placar e faturar mais um título da Libertadores Feminina.

Após a partida, a atleta não escondia a alegria. "A gente fica feliz, pois não é sempre que uma zagueira consegue fazer o gol. Foi uma disputa de bola dentro da área", conta a

### Jornal "O Vale" destaca conquista da Libertadores Feminina de 2013 e faz menção a disputa do "Mundial de Clubes".

Créditos: Museu do Esporte de São José dos Campos

Mais um título. Jogadoras do São José comemoram a conquista do bicampeonato da Libertadores Feminina após vencer o Formas Íntimas da Colômbia por 3 a 1, ontem à tarde, em Foz de Iguaçu-PR; é o segundo troféu que as Meninas da Águia levantam neste ano

**Primeiro título.** Auxiliar técnico, Jefferson Felix teve a oportunidade de comandar o time durante toda a Libertadores. E, pelo visto, é pé quente. Ontem, já pôde comemorar o seu primeiro troféu como treinador das meninas. "O título está em boas mãos. Não deixamos margem nenhuma para as outras equipes", disse. ●

5

**JOGOS**

Foram disputados pelo São José na Copa Libertadores Feminina deste ano, em Foz de Iguaçu: time foi campeão ontem pela segunda vez

8

**GOLS**

Em cinco jogos marcou o ataque do São José na campanha do bicampeonato da Libertadores Feminina, encerrada ontem no Paraná

2

**GOLS**

Em oito jogos sofreu a defesa do São José na Libertadores Feminina; a zaga joiense só foi vazada na semifinal e na decisão de ontem

5

**TÍTULOS**

Em três anos tem o São José, que ontem faturou o bi da Libertadores Feminina; time é campeão paulista de 2012 e bicampeão da Copa do Brasil

# 5. Campeonato Internacional de Clubes Feminino

Afinal, o que foi o Campeonato Internacional de Clubes Feminino? Ao longo da primeira década dos anos 2000, a FIFA demonstrou um empenho em expandir o futebol feminino. Esse esforço, contudo, foi direcionado quase que exclusivamente às seleções, principalmente ao consolidar um calendário internacional para as categorias de base.

O primeiro passo foi a Copa do Mundo Feminina Sub-19, disputada no Canadá em 2002. Em 2003, após o sucesso da competição Sub-19, a FIFA propôs adicionar um segundo torneio feminino de base. Com isso, a entidade nivelou as faixas etárias femininas com as masculinas. O limite de idade para o campeonato Sub-19 foi aumentado para Sub-20, a partir do Mundial de 2006, na Rússia. Por fim, em 2008, a FIFA criou a Copa do Mundo Feminina Sub-17, realizada pela primeira vez na Nova Zelândia (Pizarro, 2024, p.392).

Apesar da consolidação dessa escada de competições internacionais, a iniciativa de um encontro global entre os principais clubes femininos ainda não tinha uma referência oficial na primeira década do século XXI. Era uma realidade bem diferente do futebol masculino, onde o Mundial de Clubes – e os torneios intercontinentais que o precederam – era popularizado ao redor do globo no objetivo de determinar o melhor time do mundo reunindo os

campeões continentais dos seis cantos do planeta. Contudo, isso não significava que não houvesse tentativas.

O executivo Romeu Castro relembra que jogos intercontinentais entre clubes femininos aconteciam, e que representantes brasileiros, como o Saad, participavam deles apesar das dificuldades:

Existiam torneios na época. O Saad foi disputar a Dallas Cup, que tinha equipes de muito outros países, mas era em outra categoria de base. A gente tinha torneios já realizados em Portugal, na Europa. É que geralmente os times brasileiros não tinham condições [de ir]. Assim como nós tivemos torneios internacionais realizados no Brasil, que vieram várias equipes muito relevantes na época. A gente teve times dos Estados Unidos vindo, equipes da Finlândia, equipes da Dinamarca. O Saad jogou, o Juventus-SP jogou. Saad foi campeão, o Juventus-SP foi campeão. Teve inclusive [um torneio] que o Saad ganhou jogando junto com a Ferroviária [Araraquara]. Fizemos um time só, com a camisa da Ferroviária, inclusive, e o troféu acabou ficando com o Saad porque a vaga era nossa.

Embora o Mundial de Clubes masculino tenha passado a ser responsabilidade da FIFA no início dos anos 2000, na época, não investiram na criação ou planejamento para a realização de algo equivalente para as mulheres. O desejo por esse torneio organizado pela entidade, contudo, já era manifestado no Brasil antes mesmo da primeira edição da Libertadores.

Quando veio a oficialização do torneio continental sul-americano, em 2009, o dirigente Rómer Osuna, em sua entrevista ao site da CONMEBOL<sup>10</sup>, foi questionado sobre

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://web.archive.org/web/20090807093131/http://www.>

a possível criação de um Mundial feminino. Na ocasião, o boliviano afirmou que era a “intenção [da entidade] buscar mais incentivos esportivos”, mas reconheceu que, naquele momento, não havia “gestões formais” para tal disputa.

Mais tarde, no mesmo ano da estreia do torneio sul-americano, conquistado pelo Santos, o sonho de um torneio intercontinental ganharia força pela figura do então presidente do clube santista, Marcelo Teixeira. O cartola buscou pela realização de uma competição que colocasse as Sereias da Vila à frente das melhores equipes do mundo. Tanto que, em outubro de 2009, o *Correio Braziliense* chegou a noticiar<sup>11</sup> que um torneio de caráter “Mundial Interclubes” de futebol feminino havia sido confirmado pela FIFA e seria disputado na cidade de Santos, em março ou abril de 2010. O time alvinegro, campeão da Libertadores, teria presença garantida, segundo a publicação:

A Fifa confirmou nesta quinta-feira, através de sua Comissão de Futebol Feminino, a criação do Mundial Interclubes de Futebol Feminino. O torneio, que deve ser realizado entre os meses de março e abril de 2010, será disputado, por indicação da CONMEBOL, na cidade de Santos. Campeãs da primeira edição da Copa Libertadores da América de Futebol Feminino, as santistas têm presença garantida na nova competição, que deve reunir as principais equipes de cada continente na disputa pelo título de melhor time do mundo. Agora, a meta da diretoria alvinegra, que através de seu presidente, Marcelo Teixeira - o mandatário está na sede da Fifa, em Zurique (Suíça) -, lutou para a criação da Libertadores e propôs à Fifa a criação do Mundial Feminino, é lutar para segurar a base do

---

conmebol.com/articulos\_ver.jsp?id=64266&slangab=S

<sup>11</sup> Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/superesportes/2009/10/29/interna\\_superesportes,15152/santos-anuncia-o-1-mundial-interclubes-feminino.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/superesportes/2009/10/29/interna_superesportes,15152/santos-anuncia-o-1-mundial-interclubes-feminino.shtml)

elenco, principalmente as atacantes Marta (melhor jogadora do mundo nos últimos três anos) e Cristiane (terceira melhor do mundo em 2008), para que ambas defendam o Peixe no Mundial. "Já solicitei ao nosso Departamento de Futebol Feminino que renove os compromissos em andamento de nossas principais atletas para que possamos contar com todas nesta competição inédita, que será histórica, assim como foi a Libertadores", comentou Teixeira. Mas a tarefa não será nada fácil. Isto porque os clubes de Marta (Los Angeles Sol) e Cristiane (Chicago Red Stars) pretendem contar com suas jogadoras para a disputa da temporada 2010, nos Estados Unidos. As atacantes foram emprestadas às Sereias da Vila até o final deste ano, apenas visando à disputa da Copa Libertadores e da Copa do Brasil de Futebol Feminino. Para que as duas continuem, a cúpula santista terá que entrar em um acordo com as equipes americanas (Correio Braziliense, 2009).

O projeto, no entanto, acabou por não sair do papel. Uma matéria do *GloboEsporte.com*<sup>12</sup>, publicada em dezembro de 2010, para falar sobre a chegada de Marta para a segunda passagem pelo Santos, cita uma breve explicação da não realização do torneio ao escrever que: “a maior parte dos clubes que participariam da disputa não se interessou pela ideia, e o projeto acabou engavetado”.

Contudo, tentando tapar esse buraco deixado pela falta do torneio da FIFA, uma iniciativa de reunir equipes de diferentes locais foi realizada no próprio Brasil: o Torneio Internacional Interclubes de Futebol Feminino de 2011, em Araraquara, na Arena da Fonte Luminosa. Organizado pela empresa *Sport Promotion*, com o apoio do Grupo Bandeirantes de Comunicação, da FPF e CBF, o

---

<sup>12</sup> Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/2010/12/santos-oficializa-contratacao-de-marta.html>

torneio reuniu três times brasileiros – Palmeiras, Santos e Foz Cataratas – e um time europeu: o Umeå IK, da Suécia.

O Umeå era uma equipe internacionalmente relevante no futebol feminino na primeira década do século. O clube sueco foi bicampeão da Europa, conquistando a Liga dos Campeões da UEFA em 2003 e 2004. Além disso, tinha fortes ligações com o Brasil, pois foi um dos principais clubes na carreira de Marta, uma das maiores jogadoras do futebol brasileiro. Pelo time da Suécia, a atacante foi tetracampeã nacional entre 2005 e 2008, venceu a Copa da Suécia em 2007 e a Liga dos Campeões de 2004.

**TORNEIO INTERNACIONAL INTERCLUBES**  
DE FUTEBOL FEMININO 2011  
DE 05 A 15 DE JANEIRO

**TABELA DOS JOGOS**

DATA	HORÁRIO	JOGO	TV
05/01/11 QUARTA - FEIRA	19:30	FOZ CATARATAS X PALMEIRAS	BAND SPORTS
	22:00	SANTOS X UMEÅ IK	BAND & BAND SPORTS
09/01/11 DOMINGO	16:00	SANTOS X PALMEIRAS	BAND & BAND SPORTS
	18:00	UMEÅ IK X FOZ CATARATAS	BAND SPORTS
12/01/11 QUARTA - FEIRA	19:30	UMEÅ IK X PALMEIRAS	BAND SPORTS
	22:00	SANTOS X FOZ CATARATAS	BAND & BAND SPORTS
15/01/11 SÁBADO	13:30	DECISÃO DO 3º LUGAR	BAND SPORTS
	16:00	DECISÃO DO TÍTULO	BAND & BAND SPORTS

DE 05 A 15 DE JANEIRO - ARARAQUARA - SP  
ESTADIO ARENA DA FONTE

**BAND** **BAND SPORTS** SportPromotion **FCB**

Poster do Torneio Internacional Interclubes.  
Créditos: Sports Promotion

No Torneio Internacional Interclubes, no entanto, Marta estava justamente defendendo Santos em um curto empréstimo de dois meses antes de retornar aos Estados Unidos. A camisa 10 da Seleção acabou, assim, enfrentando seu ex-time em Araraquara. Além da atacante, a competição contou com a participação de outras jogadoras históricas, como Formiga, que estava no Palmeiras.

As duas equipes mais bem colocadas na fase classificatória disputaram a final. O Santos se sagrou campeão, ao vencer o Foz Cataratas por 3 a 2. Já o Palmeiras garantiu a terceira colocação, após derrotar o Umeå por 3 a 1.

O clube sueco, o destaque estrangeiro do torneio, saiu de Fonte Luminosa sem vencer nenhum jogo daquela competição, com quatro derrotas. Na época, o treinador do Umeå, o sueco Joakim Blomqvist, deu uma aspas ao site de imprensa do Torneio<sup>13</sup> valorizando os times brasileiros de um ponto de vista europeu: “Foi importante participar do torneio e jogar contra equipes brasileiras, que têm esquema de jogo diferente dos times da Europa. O Palmeiras é muito bom individualmente e mereceu a vitória.” No entanto, sem a chancela da FIFA, o torneio de 2011 não teve outras edições.

Foi nesse momento, que surgiu uma competição que seria, até então, a mais estruturada e principal referência de quando falamos de competição intercontinental entre clube femininos: a *International Women's Club Championship* (IWCC), ou Campeonato Internacional de Clubes Feminino. Organizado pela Associação Japonesa de Futebol (JFA) e pela Liga Nadeshiko, a principal liga de futebol feminino do Japão, o torneio foi realizado anualmente entre 2012 e 2014.

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://zdl.pressroom.com.br/115102b86a/palmeiras-ganha-do-umea-e-fica-em-terceiro-no-torneio-internacional-de-futebol-feminino>

A iniciativa japonesa se deu em um momento de grande sucesso do país na modalidade. A seleção havia conquistado a Copa do Mundo Feminina em 2011, na Alemanha, ao vencer as então bicampeãs estadunidenses nos pênaltis. As *Nadeshiko* – como são apelidadadas – alcançaram o quarto lugar nos Jogos Olímpicos de 2008 e a medalha de prata em Londres 2012.

Paralelamente, o Japão já possuía a tradição de sediar eventos como o Mundial de Clubes de futebol masculino da FIFA – foi no país onde clubes brasileiros como São Paulo (2005), Internacional (2006) e Corinthians (2012) foram campeões. Apesar de mais essa similaridade, é preciso destacar que, mesmo assim, as três edições da competição não são reconhecidas pela entidade como o equivalente feminino do Mundial. Mas, havia o desejo de tornar algo oficial.

Em outubro de 2012, ao anunciar a criação do torneio, o diretor administrativo da Liga Feminina do Japão, Taguchi Yoshinori, revelou sua visão a um noticiário esportivo japonês: “Planejamos realizar isso pelos próximos três anos. A partir do ano que vem, incluiremos equipes sul-americanas e, com sorte, poderemos eventualmente transformá-lo em um torneio sediado pela Federação Internacional de Futebol (FIFA)”.<sup>14</sup>

Assim, o primeiro encontro para o Campeonato Internacional de Clubes Feminino, também conhecido como *Mobcast Cup* devido ao nome do principal patrocinador, foi realizada entre os dias 22 e 25 de novembro de 2012. O torneio contou com a participação de quatro equipes, representando os campeões da Europa, Austrália e Japão (o campeão da liga japonesa e o campeão da copa de liga).

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.sponichi.co.jp/soccer/news/2012/10/17/articles/K20121017004350630.html>

Assim, competiram o Olympique Lyonnais (França), o Canberra United (Austrália), o INAC Kobe Leonessa (Japão) e o NTV Beleza (Japão).

Na ocasião, o Lyon – a maior potência europeia, com oito títulos continentais até hoje, além de 18 títulos franceses na modalidade – foi o grande campeão. A equipe francesa venceu o INAC Kobe por 2 a 1 na prorrogação, após o placar de 1 a 1 no tempo regulamentar. A final, disputada no NACK5 Stadium Omiya, contou com a presença de 4.201 pessoas, de acordo com o balancete da Liga Nadeshiko.



**Lyon, da França, foi o primeiro vencedor do Campeonato Internacional de Clubes Feminino.**

Créditos: Reprodução

Quanto à repercussão do evento, o site estadunidense *The Equalizer*<sup>15</sup>, em 2012, chegou a sugerir que o “Lyon (meio que) podem se nominar como campeãs mundiais de clubes”. O veículo destacou que a Mobcast Cup era “a coisa mais próxima de um campeonato mundial de clubes

<sup>15</sup> Disponível em: <https://equalizersoccer.com/2012/11/25/lyon-wins-womens-club-championship/>

feminino neste momento, dada a presença do Lyon e do INAC Kobe”. O clube japonês vinha de títulos consecutivos da liga nacional, inclusive como campeão invicto.

De acordo com arquivos<sup>16</sup> do site da Federação Japonesa, o Lyon embolsou um prêmio de \$60.000 dólares, de um total de \$100.000 distribuídos aos times participantes. O NTV Beleza ficou com o terceiro lugar ao vencer o australiano Canberra United, por 4 a 3, na prorrogação.

A própria FIFA reconheceu a “ambiciosa” iniciativa japonesa, ainda que de forma informal. Em um arquivo<sup>17</sup> de novembro de 2012, o site da entidade escreveu:

Menos de um mês antes de sediar a Copa do Mundo de Clubes da FIFA [masculina], o Japão organizou uma ambiciosa competição feminina, a International Women's Club Championship. O evento colocou as campeãs do Japão, INAC Kobe Leonessa, e as vencedoras da copa, NTV Beleza, contra as rainhas europeias Lyon e o Canberra United, vencedor da W-League da Austrália (FIFA.COM, 2012).

Em 2013, a segunda edição da Mobcast Cup, entre 30 de novembro e 8 de dezembro, expandiu o torneio para cinco times. O encontro também marcou a inclusão de uma equipe da América do Sul pela primeira vez. Conforme prometido, o Colo-Colo, do Chile, como campeão da Libertadores de 2012, foi convidado a representar o continente sul-americano no Japão.

No entanto, diferentemente da primeira edição, onde o Lyon era o vigente grande nome europeu, o representante do velho continente, o Chelsea, não era o atual

---

16 Disponível em: <https://www.jfa.or.jp/eng/topics/2012/423.html>

17 Disponível em: <https://web.archive.org/web/20121104435/http://www.fifa.com/aboutfifa/footballdevelopment/women/news/newsid=1959525/index.html>

campeão continental da época. O time de Londres, inclusive, nunca foi campeão da Liga dos Campeões da Europa até os dias atuais.

O clube inglês foi convidado pela organização do torneio, já que o Wolfsburg, da Alemanha, o então campeão continental, não participaria do evento. Embora tenha sido vice-campeão da Copa da Inglaterra, a *FA Cup*, em 2012 e um dos fundadores da *Women's Super League*, principal liga da Inglaterra, em 2010 – e hoje seja um dos principais nomes do futebol feminino inglês e europeu –, o Chelsea estava, na ocasião, longe do patamar de grandeza.

Contudo, de certa forma, foi a oportunidade do conceito da competição ecoar na imprensa inglesa como uma tentativa de Mundial também. Da mesma forma que veículos noticiaram a primeira edição, em 2013 foi a vez de sites como o *West London Sport*<sup>18</sup> reforçarem: “Uma iniciativa da Associação Japonesa de Futebol, a Mobcast Cup tem a aspiração de se tornar uma versão feminina da Copa do Mundo de Clubes”, escreveu o noticiário esportivo.

Com um time a mais nesta edição, ao invés do campeonato começar já com as duas semifinais, uma partida preliminar foi introduzida como uma “primeira fase” para definir a equipe que entraria para enfrentar o Chelsea na semi. Nesse confronto, entre o Sydney FC, campeão da liga da Austrália, e o NTV Beleza, vice-campeão da liga japonesa, o time da oceania venceu as japonesas e avançou. No entanto, na semi, o Chelsea venceu o Sydney por 3 a 2. Na outra chave, o Colo-Colo disputou a vaga contra o INAC Kobe Leonessa. Os japoneses, então vice-campeões da Mobcast Cup, venceram por 3 a 0. Na final, o time local venceu as inglesas por 4 a 2.

---

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.westlondonsport.com/features-comment/chelsea-ladies-to-head-to-japan-for-womens-club-championship>

Ainda na disputa pelo terceiro lugar, o chileno Colo-Colo empatou em 2 a 2 contra o Sydney FC, mas acabou derrotado nos pênaltis.



Em 2013, as japonesas do INAC Kobe Leonessa levantaram a taça em casa.

Creditos: Reprodução/Koji Watanabe/Getty Images

Esse rápido recapitular das duas edições serve, justamente, para tentar situar os antecedentes do que viria a ser a última realização do torneio. Enfim, em 2014, chegaria a vez da primeira e única participação – e título – de uma equipe brasileira. Sem entrar em muitos detalhes, que pertencem ao próximo capítulo, vale pincelar as mudanças daquela edição. No lugar da Mobcast, a patrocinadora passou a ser a *Nestlé* que, na época, enxergava o torneio como algo longevo. Além disso, em relação ao ano anterior, houve a adição de mais um participante asiático, totalizando em seis clubes

Além do São José, classificado como vencedor da CONMEBOL Libertadores Feminina de 2013, título detalhado no capítulo anterior, participaram o Melbourne

Victory FC (campeão australiano); o Jiangsu Huatai Securities (vindo de um torneio preliminar asiático); as equipes japonesas Urawa Red Diamonds (vencedor da Nadeshiko League) e Okayama Yunogo Belle (campeão da Nadeshiko League Regular Series) e o Arsenal (representante europeu).

Pelo segundo ano consecutivo, o time da Europa não era o atual vencedor da Liga dos Campeões. Naquele ano, a vaga de campeão pertenceria, na verdade, mais uma vez ao Wolfsburg, que havia conquistado o bicampeonato do troféu da UEFA. Sem a participação das alemãs, um outro inglês foi chamado para o lugar.

O Arsenal, convidado da vez, ao menos trazia consigo o recente bicampeonato da Copa da Inglaterra, conquistado em 2014. Além disso, diferentemente do Chelsea, o time do norte de Londres possuía um título da Liga dos Campeões da Europa, de 2007. “O torneio, agora em seu terceiro ano, verá as Gunners se testarem contra alguns dos melhores clubes do futebol feminino”, escreveu o site oficial do clube em 28 de outubro de 2014<sup>19</sup>, anunciando a participação do time londrino no torneio.

Ainda assim, as inglesas eram consideradas um grande desafio. As *Gunners* eram vistas aqui no Brasil como um time de “camisa”, com um histórico de conquistas e elenco de jogadoras de seleção. “Tinha o Arsenal do outro lado, que também era um dos times assim bem fortes naquela época, lá na Europa”, conta a lateral-direita Letícia Santos, em entrevista<sup>20</sup> para este livro, dando dimensão a percepção da época.

Não ficaram claros os motivos da ausência e muito

---

19 Disponível em: <https://www.arsenal.com/news/news-archive/20141006/1a-dies-to-play-in-japanese-tournament>

20 Entrevista realizada no dia 07/10/2025.

menos foram encontrados registros de uma negativa formal do Wolfsburg em participar do torneio japonês nos dois anos. Entretanto, cabe reforçar a falta da chancela oficial da FIFA, o que não dava o respaldo necessário, além dos evidentes conflitos de calendário. Em 2014, por exemplo, a equipe disputou uma partida da *Frauen Bundesliga*, o campeonato nacional alemão, apenas um dia após a final do Campeonato Internacional no dia 6 de dezembro, em Tóquio.

Como mencionado, a organização do Campeonato Internacional de Clubes Feminino diz que buscou negociar com a FIFA para que o campeonato ganhasse o “carimbo” da entidade máxima do futebol, visando justamente maior credibilidade e importância. No entanto, o acordo não avançou, e a disputa de 2015 foi cancelada. Na época, o *GloboEsporte.com* buscou entender os motivos do cancelamento junto à Associação de Futebol Japonesa. Em nota ao site<sup>21</sup>, a federação explicou que o ciclo do torneio havia se encerrado:

Inicialmente, buscamos sediar este torneio três anos consecutivos e fomos sede do torneio durante três anos consecutivos (2012-2014). Concluiu-se não organizar a edição de 2015 do IWCC em vista de várias circunstâncias. [...] O International Women's Club Championship (IWCC) foi criado em 2012, após o sucesso da seleção japonesa na Copa do Mundo da Alemanha de 2011 (campeão) e nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, quando foi medalha de prata. O torneio tinha finalidade de desenvolver o futebol feminino e a Liga Japonesa.

---

<sup>21</sup> Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/futebol/noticia/2015/10/em-nota-associacao-japonesa-deixa-em-aberto-futuro-do-mundial-feminino.html>

Com o cancelamento pela JFA, o São José, que já estava classificado automaticamente para a próxima edição por também ter conquistado a Libertadores de 2014, sofreu o impacto direto. Apesar de que, dessa forma, as Meninas da Águia acabaram por ser as últimas campeãs do torneio, cuja conquista será detalhada no próximo capítulo.

## 6. O voo da Águia

“**Eu costumo falar que Deus projetou a gente**”. É assim que o treinador Adilson Galdino define o período de glórias do São José Futebol Feminino. A ideia de encerrar times estrangeiros, dos melhores, então, serviria como uma régua do trabalho que era feito aqui no Brasil naquela época. Era a chance de colocar um elenco – com a base da Seleção Brasileira – frente a grandes times do cenário internacional. E, segundo Galdino, a equipe estava pronta para aquele desafio, amadurecida pelas recentes conquistas nacionais e sul-americanas.

O treinador explica que a manutenção da base do elenco por quase quatro anos foi fundamental para a continuidade e consolidação do time. Esse ciclo vencedor, segundo ele, permitiu ao grupo ganhar "minutagem" e maturidade em termos de mentalidade. O hábito de estar disputando e vencendo grandes grandes jogos dava uma segurança maior para o time enfrentar um campeonato intercontinental.

Mais de 18 mil quilômetros separam São José dos Campos de Tóquio. A preparação para a viagem durou meses e, como contado por Gustavo Assad, começou com reuniões ainda no Brasil, após a Libertadores da América de 2013. Era, afinal, a primeira viagem internacional do time, já que todas as edições do torneio continental, haviam sido disputadas em território brasileiro.

“Não foi da noite pro dia”, relembra Gustavo. “Tivemos que mandar uniforme... O consulado nos recebeu antes de ir, como uma cerimônia. Eles são assim, organizados, com a cultura deles. Nós entendemos isso e entramos nessa linha. Para a gente, era um marco no futebol feminino”, conta o técnico.

A vontade de estar presente no momento era tanta que, segundo Gustavo, um fisioterapeuta do time chegou a pagar a passagem para o Japão com o próprio dinheiro. Apesar do planejamento da equipe, custear uma viagem dessa dimensão exigiria uma verba muito maior do que se possuía. Os patrocinadores não seriam suficientes. Por isso, Fabiana Rossetti relembra que a organização japonesa bancou praticamente todo o processo.

A JFA enviou um valor adiantado, cerca de R\$10.000 na época, que serviu para cobrir desde a documentação e vistos no Brasil até a compra de material específico para o frio que a equipe encontraria no Japão. “Eles enviaram um valor antes para a gente comprar material”, detalha Fabiana, “porque a gente não tinha casacão de frio. Lá era inverno no Japão. O que a gente fez? Fomos a uma loja de esportes aqui no Brasil, daquelas de roupas de neve, e compramos, dentro das cores que a gente usava, para a comissão e para as jogadoras. Mandamos fazer umas calças mais reforçadas. [...] A única coisa que a gente teve que bancar foi levar o pessoal para o aeroporto.”, diz a ex-coordenadora.

Além disso, relatos contam que o São José também teve apoio do Ministério do Esporte, que começava a fortalecer sua atenção ao futebol feminino brasileiro, impulsionado muito pelos resultados recentes de times como o São José. A ex-jogadora Mariléia dos Santos, mais conhecida como Michael Jackson, que na época era a secretária es-

pecial de futebol feminino do Ministério, inclusive, acompanhou a equipe no Campeonato Internacional, atuando como uma espécie de “chefe da delegação” no Japão.

Fabiana Rossetti lembra que as questões de alimentação e hospedagem oferecidas pela organização foram excelentes. Os japoneses disponibilizaram intérpretes para ajudar no dia a dia, inclusive no trajeto do hotel ao centro de treinamento. Naquela, que era a primeira viagem internacional para muitas, a equipe também aproveitou para fazer passeios turísticos, como visitar o Cruzamento de Shibuya, conhecido por ser o mais movimentado do mundo.

Com a notória diferença do fuso horário – Tóquio fica 12 horas à frente de Brasília –, do clima frio e da alimentação, a administração junto a comissão técnica teve de pensar em todos os detalhes. “O nosso preparador físico pediu alguns detalhes para superar essa questão do fuso, para manter elas bem acordadas. Sobre a nutrição, saiu um pouquinho do contexto do nosso dia a dia, mas tava tudo pensado. Isso fez a diferença também”, conta Fabiana.

Gustavo Assad adiciona à visão sobre o planejamento e a mentalidade da equipe, ressaltando o comprometimento geral. O sucesso no Japão não foi por acaso, foi fruto de um processo de “ajustar, filtrar, alinhar” junto a organização. Ele recorda que, apesar do inevitável choque cultural, o encaixe dessa preparação fez a diferença.

Em novembro de 2014, menos de um mês antes de embarcarem para o outro lado do mundo, o elenco foi recebido pelo cônsul geral do Japão, Noriteru Fukushima, em São Paulo, para fortalecer ainda mais as relações diplomáticas da viagem. Fabiana conta que essa parceria com os anfitriões japoneses foi um sucesso dentro e fora de campo:

Eles perceberam que a gente era [um time] sério, então foi uma parceria muito boa. No fim, eles estavam torcendo para nós. É a nossa alegria, aquele jeito... [Eles comentavam]: 'Nossa, vocês tão leves'. O brasileiro contagia qualquer pessoa. Acho que deixamos nossa marca lá.



**Meninas da Águia visitam cônsul japonês no Brasil.**

Créditos: Tião Martins/Prefeitura Municipal de São José dos Campos

O Campeonato Internacional de 2014 aconteceu entre os dias 3 e 6 de dezembro, encerrando o que Gustavo Assad chama de um ano “extraordinário”. O São José começou o ano sendo vice-campeão da Copa do Brasil, perdendo para a Ferroviária nos pênaltis. Depois ganhou o Campeonato Paulista e a Libertadores, antes de ir para o Japão.

Assim como para o treinador Adilson Galdino, 2014 foi o "ano mágico", pois ele tinha "praticamente a melhor equipe dos outros anos". Naquele mesmo ano, Galdino, que também era treinador da Seleção Brasileira Sub-20, foi campeão sul-americano da categoria, classificando como o

“melhor ano da carreira” dele.

A disputa na Ásia, portanto, veio para coroar um ano inesquecível na carreira de todos os envolvidos. Ou de quase todos. Apesar do sucesso ao longo da temporada, de contar com um elenco de jogadoras de peso e um planejamento de meses, o primeiro grande desafio do São José para o Campeonato Internacional surgiu fora de campo, ainda no Brasil. O número limitado do elenco joiense se tornou um dos maiores dilemas de Adilson Galdino para a viagem:

Nesse momento, nós tínhamos praticamente 30 atletas aqui em São José e eu só pude levar 18 para o Mundial. Você selecionar atletas de um elenco campeão, um elenco muito qualificado, para a competição mais importante da nossa vida... Aquelas que estavam dentro de uma lista estavam felizes, aquelas que não estavam, não estavam tão felizes assim. E para fazer essa gestão foi muito difícil. Ter que lidar com pessoas, escolher... Mas acabou que deu certo [...] Se eu pudesse, eu levaria todas. Isso me doeu um pouco durante um bom tempo, porque não foi fácil essa decisão.

Então, as 18 escolhidas por Galdino para embarcar para o Japão foram:

**Andreia Suntaque, Poliana, Bagé, Bruna Benites, Leticia Santos, Fran, Formiga, Rosana, Andressa Alves, Giovânia, Debinha, Chu, Rita Bove, Leticia Izidoro, Gislaïne, Carlinha, Edna Baiana e Michele Carioca.**



Delegação joseense foi composta por 26 pessoas.

Créditos: Museu do Esporte de São José dos Campos/Mengo do Japão

A escalação era repleta de nomes conhecidos por atuações com a camisa da Seleção Brasileira. As outras equipes, portanto, sabiam do potencial das atletas do São José. Era um grupo que mesclava jogadoras experientes com jovens talentos da época e que, segundo a comissão joseense, tinha totais condições de competir. A mentalidade era vencedora, como resume Gustavo: “Não fomos para brincar, ninguém foi para participar. Foi para ganhar”.

As mais experientes ajudavam a ditar o ritmo no dia a dia, auxiliando o técnico Adilson Galdino. A sensação era de que o time tinha o nível de uma seleção. Para muitas daquelas jogadoras, que já haviam "batido na trave" com a camisa amarelinha em competições internacionais, era a chance que teriam de conquistar um título desse calibre. Mesmo assim, apesar da confiança interna, havia uma percepção da diferença estrutural em relação aos times de fora para com os brasileiros.

A lateral-direita Letícia Santos era a jogadora mais nova do grupo, com seus 20 anos recém-completos durante o torneio. Foi no São José que ela conquistou os primeiros títulos de uma carreira que se seguiu com quase 10 anos no futebol europeu, entre Noruega e Alemanha, e atualmente no Corinthians. Ao conversar com a Letícia para esse trabalho, ela relembra como enxergou esse momento:

Pela equipe que a gente tinha, praticamente todo mundo era da seleção brasileira principal. Era um time muito forte. Então a gente tinha chances de ganhar esse título. Por mais que tivesse o Arsenal do outro lado, que também era um time bem forte naquela época lá na Europa [...] a gente tinha confiança que a gente pudesse ganhar. Também tinha uma expectativa de como vai ser um time sul-americano jogando contra um time europeu. Tem aquelas discrepâncias estruturalmente. Naquela época o futebol europeu já era melhor que a gente em termos de estrutura, de mais pessoas acompanhando o futebol feminino e tudo mais.

A visão de fora era de completa desconfiança com o time joesense. A ex-jogadora Fran recorda que a equipe foi recebida sem favoritismo, o que serviu de um gás a mais para as jogadoras:

Ninguém dava nada, na verdade, para o São José. 'Ah, é só mais uma equipe brasileira'. Sabíamos que as pessoas não acreditavam na gente, e tá tudo bem, faz parte. Mas isso também servia de motivação para nós. Sabíamos, como grupo e como atletas experientes que já éramos na época, que tínhamos total condição de chegar lá e fazer história.

Gustavo Assad, confirma essa percepção externa. Ele também revela que, também fora de campo, nos bastidores da administração, a equipe enfrentava alguns problemas internos, mas exalta a maturidade das jogadoras, que conseguiram "se blindar" e focar na conquista. Segundo ele, essa capacidade de separação e a leveza do grupo foram decisivas para o que viria a acontecer no Japão:

Olhavam a gente com desconfiança. É impressionante, chegamos desacreditados. [...] A gente tinha problemas internos, estava 'pegando fogo' internamente, tinha coisas pontuais. Estávamos fazendo o possível para segurar, para que não interferisse nelas, mas elas percebem, lógico. Elas perceberam que tinha coisa ali, mas elas se blindaram, foram muito maduras. Se fecharam ali e falaram: 'Não, vamos resolver essa parada'. E isso faz a diferença. Elas confiaram nelas. Ninguém foi com o espírito de derrotado. E talvez por isso, a gente foi muito leve para lá. Não era obrigação. Ninguém chegou para nós e falou: 'Ó, vocês têm que ganhar o mundial'. Ninguém cobrava ninguém nesse sentido. [Cobramos] profissionalismo, entrega, comprometimento, disciplina. [...] Cada um já sabia o seu papel. E lá também a gente desfrutou.

Tanto que Fran reforça esse “fechamento” das jogadoras, atribuindo ao fato por serem quase todas experientes, com passagens em Seleção Brasileira e jogos internacionais, o que fez com que também ajudasse.

Apesar da bagagem das jogadoras, a ida ao Japão era uma novidade para muitos ali. O técnico Adilson Galdino recorda a ansiedade daquela primeira grande viagem internacional e como a equipe foi entrando no clima da competição, destacando o calor brasileiro na disputa:

Só do avião, nós já ficamos: ‘Caramba, isso aí não chega logo?’. Quando a gente pisa lá e treina para se adaptar, você vai entrando no clima. Fomos assistir ao jogo antes, para conhecer, saber o que ia enfrentar. E a gente passou a entender que era possível. Pros adversários, talvez um clube do Brasil chegar não tivesse tanta importância, mas para nós, sim. No masculino também é da mesma

forma. Quando o brasileiro vai jogar o Mundial de Clubes, parece que a gente tem esse desejo, essa vontade de vencer, de brigar, de lutar a todo momento. Não é igual ao europeu. Eles são muito mais frios, mas a gente tem esse calor humano, a gente joga com a emoção, com paixão, com a alma, com tudo que a gente tem.

A atacante Michele Carioca, que chegou ao São José em 2011 e acompanhou os primeiros títulos do ciclo vitorioso, em entrevista<sup>22</sup>, destacou a união do time como um diferencial em todo esse período. Para ela, a disputa internacional foi o momento mais marcante da carreira:

Eu só fui ter noção do nível quando coloquei o pé lá no Japão. Aí eu falei: 'É campeonato grande'. É campeonato tipo masculino. A estrutura, tudo... eu não tinha essa noção. Mas quando eu coloquei o pé lá, eu vi a estrutura. É coisa surreal. O meu sentimento na época era de felicidade, de realização por estar disputando um campeonato daquele, ser a primeira equipe a representar o Brasil disputando o Mundial de Clubes. Era só gratidão a Deus, a oportunidade que o futebol me proporcionou. Foi coisa de outro mundo mesmo.

Essa grandiosidade do evento contrastava com a percepção externa sobre o time brasileiro. Gustavo Assad reforça que os adversários, como o time japonês, inglês, até mesmo o australiano já tinham mais tradição e que por isso, o time brasileiro, até então, sentia que não tinha o devido respeito. “E nós chegamos lá como franco-atiradores, mais uma vez”, comenta ele, “só que não tinha para ninguém com aquelas jogadoras”.

---

22 Em entrevista realizada no dia 26/08/2025.

O São José, como campeão sul-americano, entrou direto na semifinal do Campeonato Internacional de Clubes Feminino, assim como o Arsenal, representante europeu. As equipes aguardaram os vencedores da primeira fase. Na chave do time brasileiro, o Urawa Reds, do Japão, goleou o Jiangsu Huatai por 5 a 1. Enquanto do outro lado, o também japonês Okayama Yunogo Belle venceu o campeão australiano Melbourne Victory por 5 a 0 e avançou para enfrentar o time inglês.

Para o técnico Adilson Galdino, a facilidade com que ganharam a Libertadores daquele ano já não era mais parâmetro para a equipe. O que estavam prestes a vivenciar na Ásia era um outro nível. E logo de cara enfrentariam as japonesas. A primeira batalha do São José, portanto, aconteceu no dia 3 de dezembro de 2014, às 16h no horário japonês. A equipe entrou em campo no Nishigaoka Soccer Stadium, diante de 965 pessoas, para enfrentar um dos times da casa, o Urawa Reds.

As japonesas eram as atuais campeãs do principal campeonato local. Era um time que mesclava jogadoras novas com experiência em seleções de base – como a meio-campista Hanae Shibata e a goleira Ikeda, que haviam conquistado o terceiro lugar no Mundial Sub-20 de 2012 – e futuros talentos, como Fuka Nagano e Kiko Seike, na época com 15 e 17 anos. Era um time jovem, mas com a técnica japonesa, contra a experiência do São José.

Dentro de campo, Michele Carioca, relembra como o confronto apresentou um nível de intensidade acima do que o São José encontrava no Brasil. Ela aponta a velocidade das adversárias como o principal fator de dificuldade, já que o time não estava acostumado àquele ritmo.

Fran, titular no meio-campo naquele jogo, também ressalta o choque de estilo e a dificuldade do jogo japonês:

A gente falou ‘Meu Deus, essas japonesinhas vão dar um trabalho para a gente’. A gente chegava e elas já não estavam mais com a bola. Você achava que estava junto e, passando segundos, já não estava mais. É uma equipe muito técnica, que não dá chutão, não se desespera quando está sendo pressionada. É muito legal ver as equipes japonesas jogar, é um futebol muito bonito de ser assistido. A gente corria muito. Elas são baixinhas e rápidas, e a velocidade do jogo também [era outra]. Mas nós traçamos uma estratégia, todo mundo no mesmo consenso, e isso facilitou. Acabou que deu certo ali, a gente jogou por uma bola. Aconteceu. Depois [do gol] só foi sofrimento, 11 dentro da área em vários momentos, e foi na raça.

A jovem Letícia Santos assumiu a bronca e também foi titular naquele jogo. Sendo a mais nova, ela enxergava a partida – e o torneio – como uma grande vitrine e uma chance de criar casca, apoiada pela confiança das jogadoras mais experientes. Mesmo assim, ela admite que se surpreendeu com o time japonês em campo:

Eu particularmente não conhecia [o time] e pensei ‘Ah, deve ser muito mais fácil que ir jogar contra o Arsenal, que a gente conhece’, achei que ia ser mais tranquilo. Só que na prática não foi tão tranquilo assim. Arrisco a dizer que talvez tenha sido até mais difícil do que contra o Arsenal.

O gol da vitória joiense, por 1 a 0, saiu dos pés da atacante Debinha, aos 15 minutos do primeiro tempo. O lance aconteceu em um contra-ataque. Pouco depois do meio-campo, Rosana achou um lindo passe para Debinha, que saiu em velocidade nas costas da defensora japonesa, ficando frente a frente com a goleira e mandando um

chute rasteiro no contrapé dela, para o canto da rede, sem chances.

Em um vídeo com os melhores momentos, disponibilizado pela emissora japonesa e publicado pelo São José no YouTube<sup>23</sup>, é possível ver, com a narração em japonês, as grandes defesas da goleira brasileira Andreia Suntaque em boas chances das japonesas, pressionando – no mínimo – por um empate. Que felizmente não veio.



**Debinha carimbou a vaga das Meninas da Águia na final.**

Créditos: Mengo do Japão

O técnico Adilson Galdino conta que precisou de uma imediata "virada de chave" para a final. Diferentemente da técnica e organização do Urawa Reds, a equipe do Arsenal era de muita imposição física. “Quando a gente viu as meninas [do Arsenal] dentro de campo, falei: 'Caramba, é outro nível, muito forte'”. Assim, foi num sábado, dia 6 de dezembro, às 5h no horário de Brasília, que o São José disputaria o caneco contra o Arsenal. Na semifinal, a equipe havia vencido o Yonogo Belle, do Japão, por 2 a 0.

O elenco londrino era composto por jogadoras de

---

23 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f-afqpV3NKU>

“nome” na Inglaterra e Europa. O time contava com jogadoras como Alex Scott, na época, pilar da Seleção Inglesa e campeã da Liga dos Campeões com o Arsenal em 2007, Casey Stoney, também com passagens na Seleção e hoje treinadora, Lianne Sanderson, Jordan Nobbs e Leah Williamson, hoje capitã do Arsenal e da Inglaterra. O time contava ainda com um intercâmbio de jogadoras de outras nacionalidades, dentro da Grã-Bretanha como a irlandesa Niahm Fahey e a escocesa Caroline Weir, e as japonesas Ohno e Kinga.

Esse arsenal de atletas, somado à 'camisa' de um dos clubes mais tradicionais da Inglaterra, evidenciavam uma estrutura muito superior e um certo favoritismo. Afinal, enquanto para o São José aquela era a primeira viagem internacional, o time feminino do Arsenal, por exemplo, já havia feito uma turnê pelo Japão em 2011.

Fran, que estava em campo como titular mais uma vez, reconheceu a dificuldade do confronto da final contra grandes atletas, mas também a mentalidade e a confiança do grupo. Segundo a jogadora, a equipe brasileira precisava de uma estratégia que priorizasse a defesa e a eficiência:

Foi um jogo muito complicado [...] mas a gente não sentia medo, não. Falaram: ‘Ah, só se defender é feio’. Eu falei: ‘Feio é achar que sabe que tem mais condição e ir com tudo, sem respeitar o adversário’. A gente precisava se defender bem, mas quando tivesse com a bola, a gente tinha que ser eficiente, porque não ia ter muitas oportunidades no jogo. E quando a gente tiver a oportunidade na jogada, a gente teria que matar elas, porque elas iam sentir. Estávamos muito confiantes entre nós.

Adilson Galdino comenta que a vitória no primeiro

jogo deu confiança ao São José para encarar as inglesas. “Pensamos: ‘Vamos jogar por uma bola’. E aí... O papai do céu deu duas para nós”, lembra o treinador.

Para acalmar os ânimos diante das 1,365 pessoas presentes no estádio, as Meninas da Águia saíram na frente logo aos 4 minutos de jogo. Rosana chutou rasteiro no canto direito, sem chances para a goleira Chamberlain. E seguindo à risca o plano detalhado pela meio-campista, a equipe brasileira fez frente ao Arsenal com disciplina, entrega total e uma surpreendente leveza.

Aos 26 minutos da segunda etapa, Giovânia ampliou de pênalti, correu para o abraço e selou a conquista do troféu. Para Fran, que naquele ano voltava de uma grave lesão no joelho, o título foi um momento de superação e um dos maiores de sua carreira. Ela ainda recorda a reação das adversárias, que “ficaram com cara de tacho” por já se considerarem campeãs, e a explosão de alegria brasileira no apito final. “Foi um sentimento de felicidade, de alívio e de realização. De orgulho de ter levado o São José, o Brasil, no nível mais alto e ter competido com duas grandes equipes quando ninguém dava nada pela gente”, relembra Fran.

A comemoração brasileira foi repleta de abraços, correria, emoção, lágrimas e gritos de “É Campeão!”. O time havia feito frente às estrangeiras e, mais do que isso, saiu do Japão sendo respeitado. A equipe, inclusive, terminou o torneio sem sofrer um gol sequer e, num gesto de cultura e respeito, a delegação inglesa fez um "corredor" para as campeãs passarem, com aplausos.

Para a jovem Letícia Santos, a ficha demorou a cair. A jogadora leva consigo o peso de vencer um clube europeu na época:

Eu pensei: 'Caraca, eu sei que não é da FIFA ainda, mas eu sou uma das primeiras campeãs mundiais'. Para mim era isso. E em cima do Arsenal. Aquilo para mim foi grandioso, porque a gente não tinha isso. A gente tinha a expectativa de que fosse a primeira vez e que tivessem mais. Então, o São José, um time brasileiro, foi campeão em cima de um time europeu com muito mais estrutura, com uma camisa forte como a do Arsenal.



Leticia Santos e Michele Carioca com a taça do Campeonato Internacional.

Créditos: Acervo pessoal

A conquista aconteceu para além da força apresentada dentro de campo, foi algo, sobretudo, mental. O técnico Adilson Galdino define a como a materialização da determinação coletiva da equipe joseense. “Futebol, quando você entra determinado, **quando todos estão em um só pensamento**, e essa foi a nossa frase lá, as coisas acontecem. Dessa vez, a gente foi feliz. E até hoje, a equipe brasileira campeã mundial de clubes... só nós”, reforça ele.



Jogadoras e comissão técnica comemoram o título.  
Créditos: Mengo do Japão





Campeões do Campeonato Interna  
Créditos: Acervo pe



Campeonato Nacional de Clubes Feminino de 2014.  
Foto: Leticia Santos

# esportes



**BRASILEIRÃO**  
Palmeiras joga para salvar o Centenário PÁG. 3



A atacante Giovânia cobra o pênalti que originou o segundo gol



A zagueira Gislaíne e a volante Formiga festejam o título no campo



O técnico do São José, Adilson Galvão, exibe o troféu de campeão

## FUTEBOL FEMININO

# O MUNDO É DELAS

## FIZERAM HISTÓRIA

### São José vence o Arsenal Ladies da Inglaterra por 2 a 0 e conquista o inédito título mundial de clubes no Japão; Rosana e Giovânia fizeram os gols da Águia

MARCOS EDUARDO CARVALHO  
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

É campeão! É campeão! É campeão! É campeão! É campeão! O Mundol Podem comemorar, Meninas da Águia. O São José venceu o Arsenal Ladies, da Inglaterra, por 2 a 0, na madrugada de ontem e conquistou pela primeira vez o título de campeão mundial de futebol femini-

nino, em jogo disputado em Tóquio, no Japão.

Com gols de Rosana e Giovânia, as joseenses entraram para a história do futebol feminino brasileiro e mundial. Aliás, é a primeira vez que o Brasil fatura um título mundial, já que nem mesmo a seleção brasileira tal feito. A Águia ganha

portância. Tricampeã da Libertadores Feminina, a equipe joseense disputou o seu primeiro mundial este ano e, depois de vencer o Urawa Red's, do Japão, por 1 a 0, na quarta-feira, agora derrotou o poderoso time inglês na decisão.

Uma partida foi equilibrada, com oito chutes a gol das joseenses e sete das inglesas. No segundo tempo, quando

abrir o placar logo aos 4min, com a meia Rosana, que na semifinal já havia dado o passe para Debinha fazer o gol da vitória sobre o Urawa.

A partida foi equilibrada, com oito chutes a gol das joseenses e sete das inglesas. No segundo tempo, quando

gol com a sempre precisa atacante Giovânia, que está no clube desde 2012 e marcou o gol de pênalti.

Assim, não tinha mais como deixar o título escapar. E São José foi campeão sem levar um gol sequer no torneio.

jogo foi difícil, como esperávamos, muito equilibrado. Sabíamos que se a gente jogasse o futebol alegre que estamos acostumados a jogar, teríamos chances de chegar a esse título", afirmou Adilson, a O VALE, pela internet.

"A sensação é inexplicável. pes do mundo, comandante do

Capa do jornal "O Vale" estampa vitória do "Mundial de Clubes".  
Créditos: Museu do Esporte de São José dos Campos



Jogadoras e comissão técnica do São José festejam a conquista inédita do título mundial de futebol feminino; ontem, as Meninas da Águia bateram o Arsenal Ladies-ING, por 2 a 0, em Tóquio, no Japão

São José	2	Arsenal Ladies	0
Time	Andressa Sautaque; Poliana, Bruna Benites, Bage e Letícia Santos; Francielle, Formiga, Rosana (Tina Bove) e Andressa Alves; Giovânia e Debinha (C/N)	Técnico	Adilson Galvão
Golei	Rosana aos 4min do primeiro tempo e Giovânia aos 56min de etapa final. Artilheiro: Sachiko Yamagishi, Cartões amarelos: Andressa Alves, Bage e Bruna Benites (3). Arsenal Ladies (A), Local: Estádio Kashima, em Tóquio. Públicos: 365 pessoas	Time	Chamberlain; Scott (King), Mitchell, Fahner e Averbuch; Stone; Nubbs; Williams (Ward), e Anderson (Murphy); Shirotsu (Ohno); Davison e Carter
		Técnico	Pedro Marçal; Inez Lusa

## Time resalta a superação dentro de campo

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

A festa, naturalmente, foi muito grande entre as jogadoras do São José após o jogo de ontem. Afinal de contas, não era para menos. Título mundial não se conquista toda hora.

"A emoção não dá pra descrever de verdade. A ficha ainda não caiu. Não estamos acreditando,

mas não porque não éramos capazes, mas sim porque a competição foi tão difícil. Ouvimos dizer por aí que vínhamos só para passear. Muito pelo contrário", disse a volante Fran, em tom de desabafo, e também de despedida, já que no ano que vem ela vai defender o Boston, na Liga Norte-Americana Feminina. "Fecho um ciclo de quatro

anos com muito mais vitórias do que derrotas. Isso tanto dentro de campo quanto fora dele. Amadureci e cresci muito não só como atleta mas como pessoa também", afirmou a volante e um dos destaques do time. **Nova era.** Para o coordenador administrativo do São José, Gustavo Assad, esse título represen-

ta muito para o futebol feminino da cidade. "Espero que esta conquista seja um divisor de águas do futebol feminino passe a receber o devido valor que merece. Como dirigente, o meu trabalho está apenas começando, pois tem muitos desafios pela frente", afirmou logo após o jogo, em entrevista pela internet.

ta muito para o futebol feminino da cidade. "Espero que esta conquista seja um divisor de águas do futebol feminino passe a receber o devido valor que merece. Como dirigente, o meu trabalho está apenas começando, pois tem muitos desafios pela frente", afirmou logo após o jogo, em entrevista pela internet.

## 7. (in)Visibilidade

“A conquista do São José é inédita, histórica para o Brasil, que teve um clube campeão mundial na modalidade também pela primeira vez – nem a Seleção Brasileira conseguiu esse feito até o momento. Até então as representações nacionais só haviam conquistado campeonatos no âmbito continental.” Assim foi descrita a conquista do São José pela assessoria de imprensa da Prefeitura em nota publicada no site municipal<sup>24</sup>, no dia 8 de dezembro de 2014.

O clima era de comemoração em Tóquio por ter conquistado o “mundo”, mas como é que foi ecoado esse feito a mais de 18 mil quilômetros de distância? A começar pelo fato de que a partida contra o Arsenal não foi transmitida ao vivo no Brasil. Tanto que, conforme já mencionado, os únicos registros profissionais em vídeos são da transmissão de uma televisão japonesa responsável pelo campeonato.

Além disso, pouco mais de uma década atrás, a tecnologia era outra. A velocidade com que as notícias correm através das redes sociais ainda não era assim. Ter uma câmera em alta definição na palma da mão, em um celular, não era algo comum. Os registros fotográficos da comemoração no estádio de Nishigaoka foram, em grande parte, feita por um torcedor japonês – que falava algo entre um português e espanhol –, simpaticamente do Flamen-

---

<sup>24</sup> Disponível em: [https://servicos.sjc.sp.gov.br/arquivonoticias/noticia.aspx?-noticia\\_id=19201](https://servicos.sjc.sp.gov.br/arquivonoticias/noticia.aspx?-noticia_id=19201)

go, conhecido como ‘Mengo do Japão’.<sup>25</sup> Ele se apaixonou pelo futebol brasileiro e a cultura do país em 1981, quando o time masculino do rubro negro foi, também, campeão mundial no Japão.



**Torcedor fez praticamente toda a cobertura fotográfica do São José.**  
Créditos: Mengo do Japão

Sem o poder do mundo digital, a primeira notícia do título do São José chegou ao Brasil muito provavelmente logo após o apito final, através de uma ligação de Gustavo Assad. Ele conta que, como o time não tinha uma equipe de assessoria de imprensa, coube a ele fazer esse papel na época:

Quando a gente ganhou, eu peguei o telefone e liguei, na hora acordei o povo aqui no Brasil. Devia ser 8 da manhã do domingo. Acordei São José inteira. Eu falava ‘eu tô aqui ligando para vocês, porque nós somos campeões do mundo’. E chorava de alegria.

<sup>25</sup> Vale mencionar todos os esforços que fiz para entrar em contato o ‘Mengo’, mas, infelizmente, não consegui. Ficam os créditos pelas fotos aqui usadas, que captam a história e o sentimento de um momento único.

Apesar da euforia, Fabiana Rossetti completa a fala do amigo voltando à realidade, lembrando que “não tinha mídia para falar desse campeonato aqui no Brasil.” O futebol feminino, afinal, não tinha tanta visibilidade na imprensa “tradicional”. Havia, sim, alguns momentos de apoio, mas não era um espaço constante dedicado à elas.

## As Meninas na imprensa

Tanto que, para o São José conseguir um espaço na Rede Globo foi uma jornada. O ex-coordenador conta que para “ir atrás da notícia”, conseguiu o contato do correspondente da emissora no Japão na época, Márcio Gomes. O jornalista foi receptivo e passou um contato do SporTV. Assim, o jornalista Tiago Maranhão, que cobria o Japão pelo SporTV, “chegou de paraquedas” na história. “Ele meio que chegou ali [perguntando]: 'Quem me procurou? O que está acontecendo aqui? O que é isso? Como assim? Brasil na final, Mundial, Arsenal?'. Ele começou a ver os títulos, ver as coisas. [...] Começou a cair a ficha deles também.”, relembra Gustavo Assad.

A maior repercussão a nível nacional, talvez tenha sido no dia 4 de janeiro de 2015. Pouco menos de um mês depois, a conquista ganhou uma matéria no *Esporte Espectacular*<sup>26</sup>, uma das principais revistas eletrônicas esportivas do país. A reportagem foi introduzida com um contexto de um “ano sombrio” de 2014 para o futebol brasileiro – o masculino. O ano do infame 7 a 1 para a Alemanha na Copa do Mundo masculina, em casa, e uma Libertadores masculina sem nenhum time brasileiro na semifinal. Em contraste com isso, os apresentadores do programa,

---

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XxI9GhODibw>

Glenda Koslowski e Alex Escobar, anunciaram que o time feminino do São José tinha "motivos de sobra para comemorar", destacando o tricampeonato da América e o fato de terem "ganhado o Mundial invictas".

A reportagem também focou em expor a realidade das jogadoras que, mesmo muitas sendo da Seleção Brasileira, ainda enfrentavam uma batalha pela sobrevivência como atletas de futebol.

Além disso, o São José teve espaço na TV Vanguarda, afiliada da Rede Globo na cidade. A televisão local ajudava a cidade a dimensionar o feito. A equipe não tinha uma estrutura "profissional de marketing" ou divulgação. A ETEP, principal patrocinadora, também ajudou muito e fez o que podia dentro de suas limitações. De registros na internet da época, é possível encontrar algumas – curtas – matérias do dia 6 de dezembro de 2014 nos principais portais de notícias esportivas, como GloboEsporte.com e UOL, além de sites alternativos. As notícias não passavam de uma nota com o resultado e algum outro comentário, alguns se utilizando até de uma cópia das notas da assessoria da Prefeitura Municipal da cidade.

Jogadoras e comissão técnica relatam que, apesar da glória, da relevância e do reconhecimento do título que levam consigo, a sensação é de que a conquista poderia ter gerado uma repercussão maior, e por mais tempo, à nível nacional. Em vez disso, o reconhecimento foi "coisa de segundos, pronto, acabou". Mas algo que era coerente – e esperado – dado o cenário do futebol feminino dentro das grandes plataformas do jornalismo esportivo da época.

Fato é que a divulgação da modalidade no país sempre encontrou seu maior espaço nos veículos independentes. Um dos veículos de mídia mais longevos do futebol feminino no Brasil já estava ativo no ano do título do São

José: a "Vitrine do Futebol Feminino", do Edson de Lima. Desde 2013, ele cobre o esporte independentemente, antes em um blog, hoje no Instagram.

Edson, em entrevista<sup>27</sup>, comentou sobre como naquela década os blogs eram muito fortes na cobertura da modalidade. Segundo ele, até algumas atletas e pais de jogadoras tiveram seus blogs para movimentar uma comunidade que acompanhava o futebol feminino brasileiro. Com as redes sociais ainda muito incipientes, a "Vitrine" nasceu nesse contexto.

O criador do projeto explica que a grande mídia, por outro lado, quando abria espaço, só dava importância às finais, particularmente dos campeonatos nacionais. As transmissões eram raras, em poucos canais abertos, e focadas em decisões com clubes de destaque. Enquanto isso, o alcance dos blogs não era tão grande, mas era para um público muito nichado, que consumia o futebol feminino, algo que, segundo ele, "acontece até hoje".

Um dos motivos para esse desinteresse dos grandes veículos, na visão de Edson, era a falta da presença efetiva e contínua dos chamados "clubes de camisa", o que tornava a modalidade pouco atrativa para a cobertura. "O futebol feminino não era levado a sério, digamos assim, pela grande mídia, por conta da falta desse apelo popular", afirma. Além disso, em relação ao lugar de repercussão do São José, o fato do time ser de fora de um "grande centro" futebolístico agravava isso. O jornalista aponta que o interesse da mídia hegemônica diminui porque ela "se concentra no eixo Rio-São Paulo".

Da mesma forma, a cultura da imprensa futebolística do interior paulista, que faz o trabalho fora desses grandes centros, era, e ainda é, predominantemente masculina.

---

<sup>27</sup> Entrevista realizada no dia 02/10/2025.

Quem fazia esse trabalho, portanto, de estar ali no dia a dia, numa época em que o acesso ainda não era profissionalizado com coletivas de imprensa ou assessorias de clube, estabelecendo contato direto com as jogadoras, eram os poucos independentes. Tanto que Fran, que hoje atua como comentarista esportiva em canais de streaming na internet, reconhece a importância vital desse nicho. “Eu costumo falar que são as mídias independentes que carregam o futebol feminino aqui no Brasil. Se não fossem elas, não sei o que seria da modalidade”, conta a ex-jogadora, mas com ressalvas, “obviamente, também têm todas as suas dificuldades por serem independentes”.

Diante das barreiras, mesmo a cobertura alternativa não chegava efetivamente em São José. Pelo fato dos “blogueiros” não viverem só do trabalho com futebol feminino, unido a descentralização de São José dos Campos, elas foram deixadas de lado em muitas ocasiões. Mesmo assim, por exemplo, Edson esteve lá. A “Vitrine do Futebol Feminino” cobriu as duas finais de Libertadores do bicampeonato do São José, entre muitos outros campeonatos ao longo dessa mais de uma década, e relembra com entusiasmo aquele período.

## Os olhos de São José dos Campos

Uma coisa é possível de tirar, São José dos Campos valorizou o seu futebol feminino durante o período vitorioso. Tanto que o Martins Pereira, principal estádio da cidade, costumava receber bom público nos jogos. Os ingressos sendo gratuitos ou valores de R\$2,00, por exemplo. E nos dias seguintes à conquista no Japão, a cidade comemorou o título do Campeonato Internacional. Em 9 de dezembro de 2014, a equipe campeã desfilou em carro

aberto pelas ruas centrais e foi recebida com honras no Paço Municipal.

O técnico Adilson Galdino recorda o abraço e a festa de grande parte da população com o time que honrou a camisa do São José, a cidade, e além de tudo, o Brasil. Da mesma forma, a ex-jogadora Fran compartilha da visão de que, localmente, foi feito “tudo o que podia ser feito” para reconhecimento. Tiveram eventos, visitas à prefeitura, as jogadoras eram “tietadas” pela cidade, deram entrevistas, e muito mais.



Elenco foi recebido com desfile no centro de São José dos Campos

Créditos: Antonio Basílio/PMSJC

O São José Futebol Feminino, de 2010 à conquista internacional, construiu uma identidade junto ao município. O time se tornou “os olhos da cidade”. É possível considerar, inclusive, que esse é o maior título da história da cidade. Para efeito de comparação, os feitos do principal time masculino da cidade, o São José Esporte Clube, foram o vice-campeonato Paulista A1 e o vice-campeonato Brasileiro da Série B, ambos em 1989, além de dois títulos na Série A2, também nos anos 1980. Ou seja, a história das mulheres engrandeceu a cidade.

Gustavo Assad, que ainda hoje mora em São José dos Campos, observa de perto o destino dessa memória.

O ex-coordenador reconhece que, mais de uma década depois, a conquista se tornou uma lembrança esporádica dentro da própria cidade. Mas reitera o tamanho do feito pela Águia:

O São José, de uma cidade do interior, um time sem expressão até então no futebol brasileiro. [...] A gente tirou leite de pedra. Pelo tamanho do que representa o São José no cenário nacional, foi feito muita coisa, foi realmente muito progresso. Colocamos São José no mapa.



**Troféu do Mundial de 2014 expsto no Museu.**

Créditos: Museu do Esporte de São José dos Campos

A parte física da memória até hoje é preservada no Museu do Esporte de São José dos Campos, localizado dentro do Martins Pereira, com fotos dos elencos que fizeram história, além das taças, como as da Libertadores e do Campeonato Internacional de Clubes de 2014.

## Debate: é Mundial?

A cultura de clubes do futebol brasileiro, principalmente no masculino, leva muito a sério o título de "Campeão do Mundo". Em 2000, o Corinthians venceu o primeiro "Mundial de Clubes" oficialmente organizado pela FIFA. No entanto, antes disso, o debate sobre torneios in-

tercontinentais — o antigo Interclubes, disputado entre o representante sul-americano e o europeu, de 1960 a 2004 — já existia. Embora muitos times e torcidas já considerassem esses títulos conquistados nesses campeonatos como mundiais, a oficialização por parte da FIFA só veio em 2017. Naquele ano, a entidade decidiu reconhecer como “campeões mundiais” os clubes que venceram o antigo intercontinental. A solicitação partiu da Conmebol que, nas palavras do presidente Alejandro Domínguez, viu a medida como um importante registro histórico.

Nessa, a FIFA reconheceu os mundiais Santos (1962 e 1963), Flamengo (1981), Grêmio (1983) e São Paulo (1992 e 1993) oficializando como vencedores do título no arquivo histórico da competição considerados mundiais. Essa busca por reconhecimento evoca disputas ainda mais antigas. O Palmeiras, por exemplo, se considera o "primeiro Campeão do Mundo" pela conquista da Copa Rio de 1951, um torneio organizado pela CBD (precursora da CBF), que colocava clubes sul-americanos frente aos europeus.

Dessa mesma forma, esse extenso debate sobre o que valida um título mundial, ou não, pode ser colocado na conquista do São José em 2014. O Campeonato Internacional de Clubes, organizado pela Federação Japonesa, é um Mundial?

Na época, e até hoje, como visto nas repercussões, ele foi tratado como tal. Romeu Castro relembra a primeira vez que se falou tão profundamente disso. Como trazido no terceiro capítulo, a FIFA chegou a fazer menção ao evento em seu site oficial, mesmo sem nunca ter oficializado com sua chancela. No entanto, segundo relatos e registros, no estádio em Tóquio, além das bandeiras do Japão, do Brasil e de São José dos Campos, um mastro tremulava a bandeira da própria entidade internacional.

Havia a promessa por parte da organização japonesa de dar sequência ao evento junto a tentativa de reconhecimento na entidade. Diante disso, a organização nunca usou termos como *World Cup* (Copa do Mundo) ou *World Championship* (Campeonato Mundial) para tratar oficialmente do torneio, ela esperava o apoio da FIFA para que o evento, futuramente, se aproximasse disso. Era um torneio internacional, importante, bem organizado e com pretensões de se tornar referência, mas que não avançou por conta da falta desse apoio. Da mesma forma como outras iniciativas que antecederam, com outros clubes brasileiros, como o Saad.

Ademais, outro argumento passível de debate é que a premissa de um Mundial, como os torneios masculinos reconhecidos, seria ter, no mínimo, o campeão da América do Sul contra o campeão da Europa. Isso não ocorreu em duas das três edições do torneio japonês, que contaram com 'convidados' europeus, inclusive em 2014. Além da falta de clubes da América do Norte e Central ou da África. Apesar de que, as equipes participantes eram fortes.

Para o jornalista Edson de Lima, o título é justamente “questionado pelo fato de não ter tido outras edições, e pelo fato do Arsenal não ser o campeão europeu”. Apesar disso, ele crava: “[A conquista] consagrou o São José, na minha opinião, como campeão mundial de futebol feminino”.

A lateral Letícia Santos compartilha desse sentimento de importância: “Eu considero muito esse título, somos as primeiras campeãs mundiais [brasileiras]. Porque até o formato foi um pouco parecido [...]. Tinha semifinal, a final, e a gente foi passando.”, explica a jogadora.

Fabiana Rossetti enxerga que a valorização do título

pelas atletas e torcedores também passou pelo momento da modalidade no Brasil. Como já comentado anteriormente, a Seleção Brasileira tinha bons resultados internacionais, mas sempre "batia na trave" nas grandes finais. "Elas valorizaram muito, porque o Brasil não tem um mundial da seleção. Um título de expressão, vamos dizer assim. Sempre ficou no vice. Talvez isso ajudou também [a valorizar o Campeonato Internacional]", opina Fabiana.

Contudo, o que talvez mais contribua para esse questionamento, como também apontam entrevistados, é o fato de ter sido o São José. Uma "camisa" que não traz a grandeza tradicional do futebol masculino não carrega a repercussão ou uma torcida fanática para defender o troféu, como palmeirenses, flamenguistas ou corinthianos fazem para validar seus títulos. "Se fosse uma outra equipe 'de camisa', o próprio Santos... teria sido diferente", opina Edson de Lima, principalmente se a Marta tivesse jogado, por exemplo". As pessoas entrevistadas têm diferentes pontos de vista sobre a questão, mas todas convergem para a ideia de que um pontapé inicial era necessário na questão dos campeonatos internacionais de clubes no futebol feminino.

Foi preciso ter um começo, um evento-teste bem organizado e planejado, especialmente naquele período tão incipiente de desenvolvimento da modalidade. Ou seja, fato é que o São José, com ou sem o reconhecimento oficial — que, quem sabe, ainda possa vir no futuro —, consolidou sua hegemonia com um título internacional inquestionável.

## 8. O legado das Meninas

Assim que soou o apito final no Japão, o técnico Adilson Galdino se lembra de estar com um microfone na mão e, ao mesmo tempo que dividia o momento de comemoração, pedir por visibilidade.



**Adilson Galdino segurando o troféu.**  
Créditos: Acervo pessoal/Adilson Galdino

Ele acredita que o impacto da conquista, mesmo sem a repercussão grandiosa, foi um divisor de águas:

Ainda dentro do estádio, a imprensa [japonesa] veio me entrevistar. O áudio era para o estádio lotado. Tinha um intérprete do meu lado e eu disse a eles que o

Brasil estava conhecendo um clube que sabia o quanto a modalidade tinha que avançar em questão de profissionalização. O que eu pedi ali foi que o futebol feminino no Brasil tivesse mais valorização das atletas, uma visibilidade maior. [...] Eu acredito que foi um pontapé, porque a partir daí várias atletas começaram a sair do país, inclusive as nossas, e começou a ter uma nova gestão também até dentro da seleção brasileira.

A conquista, de fato, abriu o caminho para jogadoras como Letícia Santos, que consolidou uma carreira de quase uma década na Europa, entre outras tantas reveladas pelo São José. O legado desse "período" de títulos josenense também é lembrado por Gustavo Assad: "Alguém tem que cavar o buraco. Roer o osso, como se diz. A gente não só roeu, também comeu filé mignon. Mas é isso, é tudo uma construção. Então isso influenciou, é uma realidade", considera ele.

Passada mais de uma década da conquista do Campeonato Internacional de Clubes e do período vitorioso do São José. De maneira geral, muita coisa mudou no futebol feminino brasileiro desde então, tanto em questão de dinheiro envolvido, organização, transmissões e cobertura da imprensa. Embora ainda haja pontos a melhorar, a visibilidade despontou nesse período.

O que antes, ficava restrito a uma bolha que acompanhava a modalidade, com transmissões esporádicas em canais como Rede Vida, Rede Bandeirantes ou Fox Sports, hoje ganhou espaço em TV aberta, principalmente através da Rede Globo, além do crescimento dos streamings, impulsionando o consumo via internet.

Além disso, o crescimento da modalidade, forçou uma mudança institucional. Em 2017, a CBF promoveu

uma reformulação na organização do calendário de competições femininas, ampliando o Campeonato Brasileiro e criando a Série A2. Como consequência, no entanto, a Copa do Brasil Feminina foi descontinuada, ficando sem ser disputada por oito anos consecutivos, voltando somente em 2025.

No mesmo ano, visando impulsionar o futebol de mulheres no continente, a Conmebol anunciou que todos os clubes participantes da Copa Libertadores e Sul-Americana masculinas, a partir de 2019, deveriam manter um elenco profissional e um juvenil feminino. A CBF acatou a regra e implementou uma exigência de que todas as equipes da Série A masculina tivessem um time feminino adulto e uma categoria de base a partir de 2018. O documento de licenciamento da entidade detalha a obrigação:

D.11 – Equipe principal feminina: O Clube Requerente deverá contar com uma equipe principal feminina ou manter acordo de parceria ou associação com um clube que mantenha uma equipe feminina principal estruturada, da melhor forma que puder desenvolver o esporte. Nesse sentido, o Clube Requerente idealmente proverá as condições necessárias para o desenvolvimento adequado de referida equipe principal feminina, como, por exemplo, suporte técnico, seguro saúde, equipamentos e infraestrutura (campo para treinamento e local para disputa das partidas oficiais etc.), devendo informar à CBF o orçamento anual destinado ao futebol feminino. O Clube Requerente deverá demonstrar que a equipe principal feminina efetivamente disputa competições oficiais autorizadas pela CBF ou por Federações Estaduais (CBF, 2021, p.20-21).

Desde então, o futebol feminino brasileiro de clubes sofreu uma transformação. A profissionalização, en-

fim, chegou. Na época vitoriosa do São José, como lembra a gestão, os salários — já bons para a época — eram complementados por bolsas de estudo, e as jogadoras da Seleção eram ajudadas das diárias de convocação. Romeu Castro, gestor pioneiro na modalidade, discorre sobre essa transformação, que ele divide em fases. Ele relembra a precariedade das condições de trabalho anterior à década de 2010, quando os clubes, nem sequer podiam registrar atletas como profissionais:

Registravam como ‘serviços gerais’. Isso dava uma confusão na justiça, porque a jogadora que era dispensada falava: ‘Eu não era serviços gerais, eu me concentrava, eu era atleta’. Isso gerou várias punições da justiça trabalhista. [...] E aí a ajuda de custo continuou funcionando melhor, até que o Santos conseguiu a autorização da CBF para registrar profissionalmente.

Mesmo com o registro, Romeu aponta que havia um "gargalo", pois as competições continuavam sendo amadoras. Tanto que, em 2014, a CBF precisou criar a Seleção Permanente Feminina. O grupo de convocadas passaria a ter contrato e salários pagos pela entidade, garantindo treinamento contínuo para as disputas do Mundial e Pan de 2015, além das Olimpíadas do Rio em 2016.

O executivo chama o período de 2010 a 2017 de "fase de transição", onde coexistiam a ajuda de custo e o Bolsa Atleta. A "revolução", segundo ele, veio mesmo em 2017:

A gente tem um novo projeto. Brasileiro Sub-16, Sub-18 para a base, a Série A1, A2, A3... E aí começa efetivamente a fase da profissionalização. E aí a gente tem um salto gigante. Aqueles 900 mil, 1 milhão de reais

do São José [custo do elenco no auge], em 2017, já dá um pulo para 8 a 10 milhões se você quiser ser campeão brasileiro. E hoje, você tem os times no topo da tabela gastando entre 18 e 25 milhões por ano.

Essa nova realidade, segundo o gestor, criou um mercado de trabalho digno para atletas de futebol. Ele assegura que, atualmente, se uma jogadora for “realmente brilhante”, ela terá condições de assegurar contratos com cifras que já atingem a casa dos seis dígitos. O custo dessa competitividade para os clubes, conseqüentemente, também explodiu. Romeu é categórico ao afirmar que nenhum time consegue a permanência na elite do Campeonato Feminino Brasileiro gastando menos de 5 milhões por ano. “Para ser campeão”, completa ele, “é de 20 a 25 milhões”.

Ou seja, atualmente, é necessário um investimento de quase quatro vezes o orçamento que se tinha para o time campeão brasileiro em 2017. Castro finaliza explicando que essa mudança de profissionalização só foi possível graças à regra de obrigatoriedade, mas que ela não foi — e nem é — um custo extra imposto aos clubes, e sim uma troca estratégica:

Essa questão da obrigatoriedade foi essencial. O dinheiro está nos clubes grandes. [...] Um pequeno percentual direcionado à mulher desses clubes vai trazer um desenvolvimento muito grande para nós. E isso não veio de graça. As regras de obrigatoriedade vieram acompanhadas pelo aumento das cotas do Campeonato Brasileiro, da Copa do Brasil, da Libertadores e da Sul-Americana. Foi uma relação de reciprocidade. Você tem uma obrigatoriedade para disputar as competições masculinas que vão te dar mais dinheiro, e uma

parte desse dinheiro você tem que investir no futebol feminino. Não é uma despesa a mais, foi uma troca.

Então, partindo do fato do São José, uma década atrás, ter conseguido patrocinadores, bancar salários e montar uma equipe “extraclasse” como montou e ganhar o que ganhou, Adilson Galdino imagina o potencial que os clubes de “camisa” possuem hoje, com mais facilidade para atrair investidores. O treinador acredita que esse é o legado deixado pelo time: “Nós deixamos sim um legado e, até hoje, por onde a gente passa, mesmo nas dificuldades, nós somos lembrados.”

Adilson fala dessas “dificuldades” justamente pela situação vivenciada pelo futebol feminino de São José atualmente. Depois do Campeonato Internacional de 2014, o time seguiu competindo em alto nível por um período. Foi campeão estadual em 2015 e brigou nas principais competições disputadas. Mas em 2017, o projeto começou a decair. Com a troca de comando municipal, vieram problemas políticos e a saída de Fabiana Rossetti e Gustavo Assad, que não trabalham mais com futebol feminino. Além da gestão, a saída de jogadoras e a diminuição da verba disponível complicaram a continuidade vitoriosa do projeto. “A partir de 2017 foi uma queda impressionante”, resume Gustavo. “Realmente abandonaram o futebol feminino”, lamenta ele.

Essa queda girou muito em torno do financeiro. Com a diminuição dos repasses, a conta não fechou. O time, no auge, conseguiu muita verba pública, tanto pela Lei de Incentivo ao Esporte quanto por parcerias, mas esse valor foi investido quase integralmente em salários. Quando esse investimento público diminuiu, o declínio foi notável.

A partir da obrigatoriedade imposta pela Conmebol e CBF, quando a organização de alguns clubes começou a despontar com seriedade no futebol feminino brasileiro, foi ficando evidente o tamanho da diferença com o que passou a ser feito no São José. pelos títulos conquistados no período de 2010 e 2014, as Meninas da Águia ficaram anos no topo do ranking da CBF de futebol feminino. Sem a continuidade, no entanto, em 2022, o único time a participar desde a primeira edição do Campeonato Brasileiro Feminino, foi rebaixado à Série A2. E, nesse ano, 2025, caiu para a Série A3, terceira divisão do futebol feminino brasileiro. "A gente [a administração posterior do time] tinha que ter buscado pelo menos a capacidade de manter o time ali brigando na Série A", lamenta Gustavo. "Mas não, foi perdendo, perdendo, perdendo. O negócio desmoronou."

**Em 2025, o São José não disputou o Campeonato Paulista de Futebol Feminino.** Foi a primeira vez, desde a retomada do estadual em 2004, por não atender aos critérios solicitados pela Federação Paulista.

O São José Esporte Clube – o de futebol masculino – tornou-se uma Sociedade Anônima de Futebol (SAF) no final de 2022, passando a ser administrado pelo “Grupo Oscar”. Com isso, a Prefeitura não pode mais destinar verba pública para as equipes profissionais adultas (acima de 20 anos) vinculadas ao clube. Atualmente, Adilson Galdino, conduz o projeto do futebol feminino focado na equipe de jogadoras Sub-20, que ainda podem receber apoio municipal, na disputa da Taça Paulistana, um “segundo escalão” do futebol feminino do estado de São Paulo. O treinador vê o momento como uma transição, com planos a longo prazo. Isso porque, a Lei da SAF define a sociedade como uma “companhia cuja atividade principal consiste na prática do futebol, feminino e masculino, em competição pro-

fissional”<sup>28</sup>. É nessa obrigação legal que ele se apoia: “[...] a SAF tem que ter o futebol feminino. A gente espera que a partir do próximo ano a gente consiga se levantar novamente [...] de forma gradativa, trazendo o São José para um lugar que ele nunca deveria ter saído.”

Apesar do momento, Galdino reconhece o que levou à queda. O modelo de um time de “tradição”, mantido apenas pela prefeitura, não acompanhou à “evolução da modalidade e às equipes mais estruturadas dos clubes de camisa”. Mas o treinador espera resgatar isso futuramente. Conforme apontado por Romeu, para o treinador, um time como o São José fazer frente ao que tem de melhor no futebol feminino de hoje em dia, é preciso um investimento fora da realidade do projeto.

---

"O investimento, com certeza,  
hoje faz a diferença."  
(Adilson Galdino)

---

A percepção é que, hoje, o futebol feminino de São José dos Campos passou a ser tratado como qualquer outro esporte da cidade, como o basquete ou o vôlei, sem muitas reminiscências do período vitorioso. Um legado que, dentro do projeto, não foi levado adiante. Apesar disso, o consenso é que o São José é um dos núcleos importantes dentro do desenvolvimento do futebol feminino brasileiro – quiçá continental e mundial. Não tendo como apagar a história feita pelo projeto e pelas pessoas que ali estiveram construindo esse trabalho.

---

<sup>28</sup> Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2021/lei/l14193.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14193.htm)



# Epílogo

Trinta anos atrás, em 1995, o então presidente da FIFA, o suíço Joseph Blatter, usou a frase: “O futebol feminino é o futuro” (Pizarro, 2024, p. 411). Diante das três décadas que se passaram, gosto de acreditar que o futuro chegou, tanto no cenário internacional quanto no nacional. O futebol feminino, hoje, e já há um tempo, é uma realidade.

Claro, ainda há muito a melhorar. As barreiras descritas ao longo destas páginas – como o preconceito, o investimento estrutural ainda desigual, as dificuldades de quem sai de casa muito cedo para tentar a sorte – persistem no esporte. Mas elas estão sendo superadas degrau a degrau. Se compararmos o cenário atual com o de dez anos atrás, houve uma grande mudança de perspectiva, tanto de quem vive a modalidade de dentro quanto de quem a observa de fora.

Isso fica ainda mais evidente ao ouvir os relatos das jogadoras que deram seus depoimentos a este trabalho. O começo, para todas elas, não foi fácil. Saíram de casa cedo, começaram jogando com meninos e, muitas vezes contando apenas com o apoio dos pais, precisaram usar a paixão pelo esporte como incentivo para não desistir. Elas relataram o preconceito e a falta de valorização de uma época em que não sobreviviam só sendo atletas. Era preciso manter os estudos como uma segunda opção e, não raro, "tirar

do próprio bolso" para jogar. Continuavam pelo amor ao futebol, recebendo, na melhor das hipóteses, apenas uma ajuda de custo.

Hoje, vemos um mercado de transferências brasileiro forte, com jogadoras vendidas por números na casa dos milhões de reais e salários mais altos. Essa mudança, portanto, não é apenas social ou moral, é uma questão de sobrevivência do próprio esporte. Romeu Castro tocou em um ponto importante durante nossa conversa: as mulheres representam hoje mais de 50% da população mundial.

“Se a mulher não se sentir bem-vinda no futebol, se não for respeitada, ela vai continuar consumindo o esporte?”, questiona ele. “Ninguém está fazendo um favor à mulher ao investir no futebol feminino. Na verdade, é uma questão de sobrevivência do próprio futebol. É dizer: 'Olha, mais de 50% da população, venham com a gente'. É esse tipo de mentalidade que precisa entrar na cabeça dos dirigentes brasileiros e sul-americanos. O futebol feminino não é despesa. É plantar o seu futuro.”

Esse futuro, floresce agora com o crescimento da modalidade. Um ponto de virada fundamental no consumo do futebol feminino no Brasil foi impulsionado pela Copa do Mundo de 2019 e pela entrada da TV aberta nas transmissões. Além de resultados atrativos, já que atualmente, vemos a Seleção Brasileira como atual vice-campeã olímpica e incontestável na América do Sul.

Acredito, no entanto, que para entender o que vemos e vivemos hoje, é preciso também olhar para as raízes – não necessariamente tão antigas, abordamos neste livro um período de pouco mais de uma década atrás. Revisitar esse cenário e a trajetória do São José foi uma tentativa de dialogar com o passado para compreender como chegamos até aqui. Foi um desafio se debruçar sobre um aconte-

cimento historicamente recente, mas que sofreu com uma repercussão restrita a uma bolha.

A história do futebol feminino brasileiro não é feita de um único protagonista, embora a disputa narrativa pelo 'pioneirismo' seja frequente. Cada projeto, em seu tempo e com suas limitações, teve uma parte importante nessa construção. Este trabalho buscou jogar luz sobre o período específico de 2010 a 2014 e a relevância da conquista internacional do São José, que, apesar de ter completado uma década no ano passado, foi pouco resgatada pela imprensa.

Foi um privilégio ouvir os personagens que construíram essa trajetória. Gente que fala com carinho — mesmo partindo de diferentes pontos de vista e funções — e que compreende, com orgulho, que tudo o que passaram, os altos e baixos, colaborou para o que o futebol feminino brasileiro se tornou.

Das jogadoras entrevistadas, Fran, aposentada desde 2018 após passagens por clubes da Islândia, Corinthians/Audax e Noruega, hoje atua como comentarista em canais esportivos e mantém um canal de divulgação próprio sobre a modalidade. Michele Carioca, que estava no Minas Brasília, da Série A2, durante a nossa conversa, foi recentemente anunciada no Ceará, da terceira divisão, seguindo ativa na carreira de atacante. A lateral Leticia Santos, por sua vez, está no Corinthians desde 2024.

Fran resume o sentimento de felicidade que sente diante de tudo:

Eu acho que valeu a pena. Tinha aquilo de não saber, mas esperar que no futuro ia mudar. Ver como é hoje é gratificante. Eu fico extremamente feliz. Eu não vivi esse momento [de visibilidade e estrutura] que as meninas têm hoje, mas me sinto uma pessoa que fez parte dessa

construção. É passo de formiguinha, mas que bom que hoje a gente tá num outro nível. Seria muito frustrante ter vivido tudo aquilo e ainda estar do mesmo jeito.



**Fran no Campeonato Internacional de Clubes Feminino**

Créditos: Acervo pessoal/Francielle Alberto e Mengo do Japão

Apesar disso, Fabiana Rossetti disse algo que me marcou sobre o que restou da conquista do Campeonato Internacional pelo São José. “O legado ficou individual para cada um. Dificilmente vejo quem reconheça o trabalho e as conquistas do São José como campeão mundial”, opina ela.

---

“O legado ficou para nós, para as jogadoras, para quem viveu aquele momento”

(Fabiana Rossetti)

---

Ao longo deste projeto, alguns entrevistados me perguntaram: “Por que falar desse título, em específico?”. E confesso que, ao ser questionada por uma das minhas

jogadoras favoritas, cheguei a travar na resposta. Mas acredito que este trabalho, é uma – modesta – tentativa de transformar esse legado individual em memória coletiva. Tanto para quem vem chegando agora ao futebol feminino, quanto para quem esteve envolvido na época, mas talvez nunca tenha parado para dar a devida importância.

O São José não é mais a mesma potência. Eu mesma, no auge dos meus 22 anos, não acompanhei nenhum título joesense desde que comecei a me interessar pelo futebol feminino brasileiro. Mas, sabendo das conquistas passadas, foi justamente ter acompanhado essa decadência recente que me intrigou. Foi isso que me motivou a ir atrás, a identificar os porquês de ter dado tão certo e, posteriormente, tão errado.

Desde 2019, a hegemonia mudou de mãos. A grande sensação do futebol feminino no Brasil é o Corinthians, que segue empilhando taças e quebrando recordes – inclusive alguns estabelecidos pelas joesenses. É a prova de que o investimento, a estrutura e o apoio da torcida dão retorno.

Além disso, há o envolvimento cada vez maior de mulheres em todas as esferas, algo fundamental para a evolução do esporte e da sociedade. Se há dez anos a maioria dos personagens fora de campo era masculina, hoje temos mulheres assumindo posições de gestão, ganhando espaço como treinadoras e ocupando as cabines de transmissão e na imprensa.

E o futuro reserva novos capítulos. Em março de 2025, a FIFA anunciou a realização da "Copa das Campeãs" a partir de 2026 e do Mundial de Clubes Feminino em 2028 – este seguindo o esquema do "Super Mundial" masculino, acontecendo a cada dois anos. A *FIFA Women's Champions Cup* estreará já em entre 28 de janeiro e 1 de fevereiro

do ano que vem. Entre as seis equipes participantes, estará o Corinthians, como campeão da Libertadores de 2025. O time será o primeiro brasileiro e sul-americano a representar o país na competição organizada pela entidade máxima do futebol, em sua primeira tentativa de replicar o esquema do torneio internacional masculino.

O destino do alvinegro, inclusive, pode ser muito parecido com o vivido pelo São José uma década atrás. Caso passe do Gotham FC, dos Estados Unidos, pode vir a enfrentar, numa final, justamente o Arsenal, classificado como campeão da Liga dos Campeões da Europa. Dessa vez, não será no Japão, mas em Londres, sob os holofotes da FIFA. A cobertura também será diferente, com transmissões confirmadas. O Brasil, e o mundo, estará assistindo.

Não sei o quanto a história do São José será lembrada quando a bola rolar em 2026. Mas acredito ser fundamental respeitar o ineditismo do momento sem deixar de lado quem pavimentou a estrada. Clubes como o Saad, Santos e o São José, se arriscaram nesse cenário internacional quando era “tudo mato”.

Além disso, entre junho e julho de 2027, em pouco menos de dois anos, o Brasil sediará uma Copa do Mundo de Futebol Feminino pela primeira vez. E, se atualmente podemos ver estádios lotados e sonhar com números ainda maiores – como as 44.136 pessoas na Neo Química Arena para a final do Brasileirão 2024, ou as mais de 70 mil no Maracanã nas Olimpíadas de 2016 –, é porque, lá atrás, as mulheres já criavam seu apelo e construíam sua trajetória.

Restará, então, o desafio de manter esse legado vivo e valorizar esse capítulo, assim como tantos outros, da tão rica história do futebol feminino brasileiro. Como o que foi feito, inquestionavelmente, pelas Meninas da Águia.



# Referências

## Capítulo 1

BARROS, L. **Baú da Política: o futebol feminino já foi proibido no Brasil e a política tem tudo a ver com isso**. Disponível em: <https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/noticias/bau-da-politica-o-futebol-feminino-ja-foi-proibido-no-brasil-e-a-politica-tem-tudo-a-ver-com-isso>. Acesso em: 10 set. 2025.

CALDAS, A. **CBF anuncia a criação da Copa do Brasil de futebol feminino**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/cbf-anuncia-criacao-da-copa-do-brasil-de-futebol-feminino-4151060>. Acesso em: 28 out. 2025.

DARIDO, Suraya Cristina. **Futebol Feminino no Brasil: Do seu Início à Prática Pedagógica**. Motriz. Rio Claro, v. 8, n. 2, 2002.

FERNANDES, Bruna Rafaela Esporta; GÓIS JUNIOR, Edivaldo; QUITZAU, Evelise Amgartem. O futebol de mulheres na imprensa brasileira na década de 1990. **Materiales para la Historia del Deporte**, i, n. 24, p. 103-117. Madri, 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre; CABRAL, Juliana R. **As pioneiras pedem passagem: Conhecer para reconhecer**. São Paulo, Editora Ludopédio, 2022.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, 2005.

OSTOS, Natascha Stefania Carvalho. A questão feminina: importância estratégica das mulheres para a regulação da população brasileira (1930-1945). **Cadernos Pagu**, n. 39, p. 313-343, 1 dez. 2012.

## Capítulo 2

CARLASSARA, Eduardo de Oliveira Cruz; ROCCO JÚNIOR, Ary José; FORTALEZA, Keynayanna Késsia Costa. O papel organizacional de clubes de futebol brasileiros e os conceitos de organização e instituição. **Organicom**. São Paulo, v.19, n.39, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/46147>

FERNANDES, Bruna Rafaela Esporta; GÓIS JUNIOR, Edivaldo; QUITZAU, Evelise Amgartem. O futebol de mulheres na imprensa brasileira na década de 1990. **Materiales para la Historia del Deporte**, i, n. 24, p. 103-117. Madri, 2023.

GREGORY, J.; IGLIKOWSKI-BROAD, V. History's Lionesses: The British Ladies Football Team and the beautiful game in 1895. **UK Government**

**Web Archive.** 2023. Disponível em: <https://webarchive.nationalarchives.gov.uk/ukgwa/20250613143758/https://blog.nationalarchives.gov.uk/historys-lioneses/>.

PESSANHA, Nathália Fernandes. O mundo da bola. A proibição do futebol de mulheres em diferentes campos. **Esporte e Sociedade.** Niterói, n. 32, p. 1-20, 2021.

PIZARRO, Juliano Oliveira. Globalização e Futebol Feminino: o mercado de circulação das atletas nos mundiais FIFA e Jogos Olímpicos. **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol.** v. 16, n. 66, p. 390-414, 2024.

### Capítulo 3

KUSSAREV, Rodolfo (org.). **125 anos de história: a enciclopédia do futebol paulista.** São Paulo: Federação Paulista de Futebol, 2021.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. **Velhos tabus de roupa nova: o futebol feminino na revista Placar entre os anos de 2000-2010.** Praxia. Goiânia, v. 1, n. 2, p. 55-66, 2013.

ROQUE, Zuleika Stefânia Sabino; FRAGA, Estefânia Knotz Cançuçú; ZANETTI, Valéria. O campo das mulheres: pequeno ensaio sobre o futebol feminino em São José dos Campos. In: GUIMARAES, Antônio Carlos. **São José dos Campos: cotidiano, gênero e representação.** São José dos Campos: UNIVAP, 2014. p. 175-187.

### Capítulo 4

APROBADA la celebración de la Copa Libertadores de Fútbol Femenino. **Confederación Sudamericana de Fútbol,** 31 de julho de 2009. Disponível em: [https://web.archive.org/web/20090807093131/http://www.conmebol.com/articulos\\_ver.jsp?id=64266&slangab=S](https://web.archive.org/web/20090807093131/http://www.conmebol.com/articulos_ver.jsp?id=64266&slangab=S). Acesso em: 29 out. 2025.

### Capítulo 5

APROBADA la celebración de la Copa Libertadores de Fútbol Femenino. **Confederación Sudamericana de Fútbol,** 31 de julho de 2009. Disponível em: [https://web.archive.org/web/20090807093131/http://www.conmebol.com/articulos\\_ver.jsp?id=64266&slangab=S](https://web.archive.org/web/20090807093131/http://www.conmebol.com/articulos_ver.jsp?id=64266&slangab=S). Acesso em: 29 out. 2025.

CHELSEA Ladies to head to Japan for Women's Club Championship. **West London Sport,** 11 de novembro de 2013. Disponível em: <https://www.westlondonsport.com/features-comment/chelsea-ladies-to-head-to-japan-for-womens-club-championship>. Acesso em: 4 nov. 2025.

EMnota, Associação Japonesa deixa em aberto futuro do Mundial Feminino. **Globo Esporte,** 2 de outubro de 2015. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/futebol/noticia/2015/10/em-nota-associacao-japonesa-deixa-em-aberto-futuro-do-mundial-feminino.html>. Acesso em: 4 nov. 2025.

KASSOUF, J. Lyon wins women's club championship. **Equali-**

**zer Soccer**, 25 de novembro de 2012. Disponível em: <https://equalizersoccer.com/2012/11/25/lyon-wins-womens-club-championship/>. Acesso em: 4 nov. 2025.

PALMEIRAS ganha do Umea e fica em terceiro no Torneio Internacional de Futebol Feminino. **ZDL**, Araraquara, 15 de janeiro de 2011. Disponível em: <https://zdl.pressroom.com.br/u15102b86a/palmeiras-ganha-do-umea-e-fica-em-terceiro-no-torneio-internacional-de-futebol-feminino.html>. Acesso em: 4 nov. 2025.

PIZARRO, Juliano Oliveira. Globalização e Futebol Feminino: o mercado de circulação das atletas nos mundiais FIFA e Jogos Olímpicos. **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol**. v. 16, n. 66, p. 390-414, 2024.

SANTOS anuncia o 1º Mundial Interclubes Feminino. **Correio Brasileiro**, 29 de outubro de 2009. Disponível em: [https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/superesportes/2009/10/29/interna\\_superesportes,151552/santos-anuncia-o-1-mundial-interclubes-feminino.shtml](https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/superesportes/2009/10/29/interna_superesportes,151552/santos-anuncia-o-1-mundial-interclubes-feminino.shtml). Acesso em: 4 nov. 2025.

SANTOS oficializa contratação de Marta. **Globo Esporte**, 10 de dezembro de 2010. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/2010/12/santos-oficializa-contratacao-de-marta.html>. Acesso em: 14 nov. 2025.

WOMEN'S round-up: November 2012. **FIFA.com**, 30 de novembro de 2012. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20121216104435/http://www.fifa.com/aboutfifa/footballdevelopment/women/news/newsid=1959525/index.html>. Acesso em: 4 nov. 2025.





**Beatriz Quintino** é graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). Nascida e criada em Pirassununga, é entusiasta do interior paulista e acredita que as melhores histórias, muitas vezes, fogem dos grandes centros.

Apaixonada por futebol e pelas narrativas que o cercam, encontrou no futebol feminino a missão de contar as histórias de quem nunca teve tanto espaço.

Embora sempre tenha gostado de ler, nunca havia imaginado que escreveria um livro como seu principal trabalho da graduação, e se debruçou nessa obra como um desafio pessoal.

Tem experiência com redação e criação de conteúdo, outras atuações em marketing, e foi estagiária de jornalismo na Record Paulista, em Bauru.

Não gosta de fazer planos para o futuro, mas conta ansiosamente os dias para a Copa do Mundo Feminina de 2027, no Brasil, e espera estar contribuindo diretamente com a modalidade até lá.

*Meninas da Águia: a história de como o São José levou o futebol feminino brasileiro ao topo do mundo* é um livro-reportagem de caráter experimental, desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). O objetivo do projeto é resgatar a conquista do Campeonato Internacional de Clubes Feminino de 2014, no Japão, pelo São José Futebol Feminino, analisando a trajetória histórica do time para alcançar o topo do mundo. O produto busca contextualizar o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil e observar a estruturação do projeto do São José, identificando diferenciais que ajudaram a superar as dificuldades historicamente enfrentadas no país, dessa forma avaliando também o impacto e o legado para a modalidade. Para evocar esses fatos e construir a narrativa, foi tido como base uma revisão bibliográfica e documental, além de nove entrevistas semiestruturadas com personagens que construíram a história do time e do esporte. Através dessa investigação em profundidade, o livro-reportagem promove o reconhecimento de um pedaço da memória do futebol feminino brasileiro.